



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Contributo para o conhecimento do povoamento rural
romano no Concelho de Montemor-o-Novo: Caso da
Barragem dos Minutos**

Marisa de Jesus Mendes Galhofas

Orientador(a): Leonor [Maria Pereira] Rocha

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização: Avaliação de Impacte Ambiental

DISSERTAÇÃO

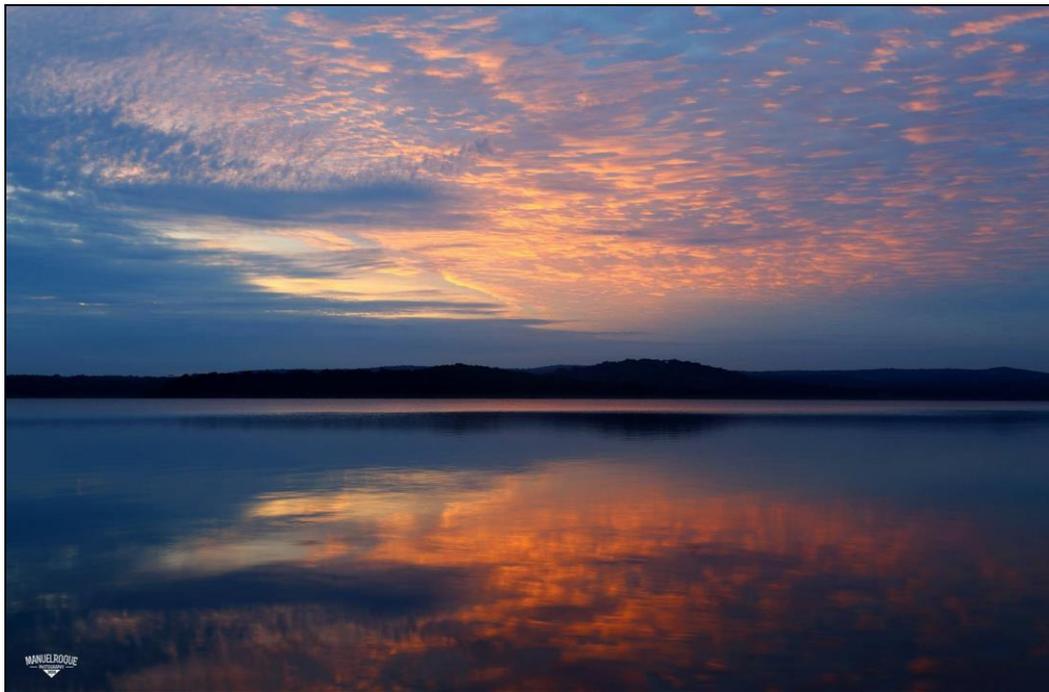
Évora, 2016

Universidade de Évora

**Mestrado de Arqueologia e Ambiente
Especialização: Avaliação de Impacte Ambiental**

Dissertação

**Contributo para o conhecimento do povoamento rural romano no
Concelho de Montemor-o-Novo: Caso da Barragem dos Minutos**



Marisa de Jesus Mendes Galhofas

Orientador(a): Leonor [Maria Pereira] Rocha

Évora/ 2016

Agradecimentos

Em primeiro lugar começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Leonor Rocha, por ter aceitado orientar este meu trabalho pois, apesar da época cronológica não ser a sua área de especialização, sempre me ajudou com sugestões, conselhos práticos e um acompanhamento constante.

Ao Dr. Mário Pinto e à Dra. Manuela Pereira, da Oficina do Castelo, que me facultaram os dados sobre os trabalhos realizados no âmbito da Carta Arqueológica de Montemor-o-Novo.

Ao Grupo de Amigos de Montemor -o-Novo, por me facilitarem o acesso aos materiais arqueológicos da Barragem dos Minutos que se encontram em depósito legal no convento de São Domingos, em Montemor-o-Novo. À Dra. Susana Roque agradeço a ajuda que deu na descrição dos mesmos e ao Sr. Manuel Roque, pela cedência de algumas imagens.

Às funcionárias da biblioteca do Palácio da Ajuda, pela simpatia com que me acolheram e pelo precioso auxílio na pesquisa bibliográfica e facilidade no acesso ao acervo ali disponível.

Um agradecimento para todos aqueles me apoiaram e incentivaram durante a realização desta dissertação. Demorou algum tempo e em alguns momentos senti-me um pouco perdida, mas que consegui finalizar graças ao apoio dos amigos e colegas de trabalho.

Por último, agradeço o apoio incondicional dos meus pais e da minha irmã.

Contributo para o conhecimento do povoamento rural romano no Concelho de Montemor-o-Novo: Caso da Barragem dos Minutos

Palavras – chave: Povoamento rural romano, Casais Rústicos, Minutos, Montemor-o-Novo

Resumo:

O concelho de Montemor-o-Novo é rico em vestígios arqueológicos de várias cronologias, pelo que a época romana não é excepção. Durante muito tempo pouco se conhecia deste período cronológico, particularmente a forma do seu povoamento. Durante os anos 60 do século XX, foram identificadas e escavadas algumas estruturas deste período, nomeadamente a Fonte do Prior, o Curral dos Cães e o Cabeço do Ceivo. No entanto, foi durante as obras da Barragem dos Minutos que começamos a ter uma nova perceção de como seria o povoamento romano neste território. Sítios como estes têm vindo, ao longo do tempo, a ser colocados de parte quando se falava sobre a romanização dos campos por se considerar que essa ocupação era exclusiva das luxuosas *villae* e por se pensar que estes sítios fariam parte das *villae*.

Neste trabalho iremos ver o resultado das intervenções realizados na Barragem dos Minutos, bem como as realizadas no regolfo da Barragem de Alqueva com o objectivo de tentar perceber estas novas realidades do povoamento romano.

Contribution to the knowledge of the Roman rural settlement in Montemor-o-Novo County: Case Dam Minutos

Keywords: Roman rural settlement, small farms, Minutos, Montemor-o-Novo

Abstract:

The Montemor-o-Novo municipality is rich in archaeological remains of various chronologies, so the Roman era is no exception. But for a long time little was known of this chronological period and especially the shape of your settlement. During the 60s of the twentieth century, they have been identified and excavated some structures of this period, namely the Fonte do Prior, the Curral dos Cães and the Cabeço Ceivo. But it was during the construction of the dam of Minutos we started to have a new perception of how would the Roman settlement in this territory. Sites like these have been, over time, to be put aside when talking about the romanization of the fields in Roman times as it was considered that this occupation was exclusive of villae luxurious and think that these sites would be part of the villae.

In this work we will see the result of the work done at the dam of the Minutos, as well as the work carried out in the surroundings of the Alqueva Dam and try to understand these new realities of the Roman settlement.

Índice

1. Introdução	8
2. Metodologia	11
2.1. Critérios descritivos.....	11
3. Características geomorfológicas do concelho de Montemor-o-Novo	13
4. A ocupação de época romana no concelho de Montemor-o-Novo	19
5. Relação dos sítios romanos do concelho de Montemor-o-Novo.....	25
5.1. Barragem dos Minutos	25
5.1.1. Inventário dos sítios identificados e intervencionados	26
5.2. Outros sítios do período romano do concelho	49
5.2.1. Inventário dos sítios existentes	49
6. Análise dos sítios de época romana	75
6.1. Implantações.....	75
6.2. Estruturas.....	77
6.3. Espólios.....	81
6.3.1. Fichas de peças	85
7. Os dados e os factos no Alentejo	96
8. Conclusão.....	101
9. Bibliografia	106

Índice de Ilustrações

Figura 1. Localização do concelho a nível nacional	13
Figura 2. Bacias hidrográficas do concelho.....	14
Figura 3. Precipitação total no concelho	15
Figura 4. Carta de capacidade de uso dos solos do concelho	16
Figura 5. Implantação dos sítios romanos sobre carta geológica, resumida.	17
Figura 6. Sítios romanos do concelho. Fonte: Endovélico.	20
Figura 7. Planta de Minutos 11, sgd. Inês Silva, 2002.....	28
Figura 8. Planta com as sondagens realizadas em Amoreirinha 8. Sgd. Inês Silva, 2005.....	29
Figura 9. Planta de Minutos 6. Sgd Sandra Brazuna, 2003	31
Figura 10. Planta de Fonte da Senhora 7.....	48
Figura 11. Espólio do Curral dos Cães (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962 a).	71
Figura 12. Espólio do Curral dos Cães (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962 a).	71
Figura 13. Planta do Curral dos Cães e Cabeço do Ceivo, respetivamente (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962)	78
Figura 14. Planta da Fonte Santa (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962a)	79
Figura 15. Planta de Minutos 6 e 11, respetivamente (sgd. BRAZUNA, 2003 e SILVA, 2002)	80
Figura 16. Planta da Amoreirinha 8 (sgd. SILVA, 2004).....	80
Figura 17. Aspeto da localização dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu	83
Figura 18. Aspeto da localização dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu.	83
Figura 19. Aspeto dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu	84
Figura 20. Pormenor de um dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu	84
Figura 21. Planta final de Monte da Julioa 24 (sgd. CANHÃO, 2003).....	97
Figura 22. Localização de sítios romanos em torno da nova aldeia da Luz. Fonte: Museu da Luz	99

1. Introdução

Este trabalho centra-se no concelho de Montemor-o-Novo e constitui uma tentativa de contribuir para o estudo e compreensão da ocupação romana deste território, a partir dos locais que foram intervencionados no âmbito das medidas de minimização de impactes da barragem dos Minutos. Efetivamente, no decurso desses trabalhos foram identificados mais de cem sítios arqueológicos de diferentes cronologias e tipologias, tendo alguns deles sido integralmente escavados (monumentos megalíticos funerários e uma necrópole) e outros apenas sondados.

Os correspondentes à época romana tiveram inicialmente apenas sondagens de diagnóstico. Posteriormente, em função do aparecimento de estruturas cuja funcionalidade não era perceptível, alguns tiveram trabalhos adicionais, com ampliação das sondagens. Os dados existentes não se referem assim a nenhuma escavação em área, exceto na necrópole da Fonte da Senhora 7, que foi totalmente intervencionada. As decisões de não escavar na totalidade os sítios em contexto de minimização de impactes resulta normalmente de três tipos de factores:

- i) com os prazos que se têm de cumprir em contexto de obra;
- ii) com o facto de estarem já fora da cota de afetação;
- iii) por não sofrerem qualquer tipo de afetação direta da obra.

A Barragem dos Minutos foi ainda inovadora a nível da minimização de impactes pois, pela primeira vez, optou-se por cobrir todos os sítios arqueológicos que ficaram abaixo da cota de enchimento, com geotêxtil mais camadas de pedras aparelhadas intercaladas com camadas de terra. Com esta medida pretendia-se proteger

os sítios até ao final da vida útil da barragem, que é normalmente de cerca de 100/150 anos.

Em termos de informação sobre o período romano, esta barragem permitiu também, pela primeira vez, obter uma importante informação sobre pequenos sítios rurais romanos, até aí muito esquecidos pela investigação. O conjunto de dados tratados centra-se assim nas pequenas habitações rurais romanas, onde os seus habitantes deveriam viver do que a terra produzia – agricultura de subsistência.

Não podemos esquecer, que sítios como estes já haviam sido escavados em Montemor-o-Novo nos anos 60 do século XX, por Afonso do Paço e João de Lemos (PAÇO e LEMOS, 1962); o Curral dos Cães, o Cabeço do Ceivo e a Fonte Santa foram totalmente escavados e interpretados como sendo pequenos casais rústicos. Para além deste três importantes sítios foram realizados trabalhos na Fonte do Prior que devem corresponder aos restos de umas termas pertencentes a uma *villae*.

O Curral dos Cães neste trabalho servirá de modelo para a interpretação dos locais que foram escavados tanto na Barragem dos Minutos como os exemplos escavados durante as obras da Barragem de Alqueva.

Em termos gerais, a problemática destes pequenos sítios centra-se no facto de serem de difícil classificação e interpretação, ao contrário das *villae*, que estão bem documentadas. Durante algum tempo teve-se a convicção de “um mundo rural uniforme, com a *villa* como modelo único dentro do quadro das explorações agrícolas” (ALMEIDA, 2000:39). Isto acontecia porque os “agrónomos latinos utilizavam um termo único para referir uma propriedade agrícola – *villa, ae* – embora essa designação correspondesse a diferentes tipos de estabelecimentos rurais (GORGES 1979:12)”. Estas convenções pré-estabelecidas fizeram com que durante muito tempo se pensasse que pequenos sítios, como o Curral dos Cães, parecessem fazer parte de um

“povoamento disperso no interior de uma propriedade cuja *villa* urbana não foi ainda localizada” (ALARCÃO, 1976: 22).

Com a evolução do estudo do mundo rural romano, começaram a surgir novos sítios que, face às diferenças significativas que apresentavam em relação às *villae*, alguns autores classificaram como sítios de “2ª ordem, que não se enquadram na definição de Villa” (ALMEIDA, 2000: 48). Esta problemática terá muito haver com o pouco conhecimento existente sobre estes sítios e, principalmente, pela falta de “designações latinas nas fontes” (IDEM, IBIDEM: 41).

O termo casal é um termo que aparentemente remonta à Idade Média e “representa uma unidade agrícola encabeçada por uma casa” (LOPES, 1997: 243). Maria da Conceição Lopes, na sua tese de doutoramento, relembra que Jorge Alarcão foi o primeiro a usar o vocábulo “casal” e, como foi referido inicialmente, este considera que estes pequenos locais integram as *villae*. Mais tarde, o mesmo descreve estes sítios como “unidades de exploração unifamiliar, modesta, trabalhadas geralmente sem recurso a escravos ou assalariados (ALARCÃO, 1990: 420).

Naturalmente que a difícil compreensão destes sítios se encontra também relacionada com os poucos trabalhos realizados, sendo que muitas vezes são apenas identificados em trabalhos de prospeção e não chegam a ser intervencionados.

Este trabalho é assim uma tentativa de apresentar e tentar perceber este tipo de sítios, perante os poucos dados conhecidos neste território.

2. Metodologia

O ponto de partida para a elaboração desta componente da dissertação, foram os trabalhos realizados nos anos 60 do século XX, por Afonso do Paço e João de Lemos, no Curral dos Cães, tendo sido muito provavelmente o primeiro dos casais rústicos romanos a ser escavado integralmente e publicado.

Como se referiu anteriormente, este estudo irá incidir essencialmente sobre a ocupação romana do concelho de Montemor-o-Novo com base nos trabalhos realizados no decurso das últimas três décadas, na bibliografia existente, nos relatórios de escavação disponíveis e na observação de algum do espólio recolhido. Reconhecendo no entanto que a informação disponível era bastante escassa, procurei mais informação noutras zonas do Alentejo, com o intuito de obter pontos de comparação. Assim, recorri também às recentes publicações dos trabalhos realizados durante as obras da Barragem de Alqueva.

2.1. Critérios descritivos

O conjunto de sítios inventariados neste concelho (Endovélico e bibliografia) são descritos no Capítulo 5, tendo em atenção os seguintes parâmetros: **Designação** (nome atribuído ao sítio), **CNS** (código nacional de sítio – base de dados Endovélico – quando o sítio já se encontra referido), **Localização** (descrição sumária da localização do sítio, quando referida), **Descrição** (do sítio e do espólio), **Trabalhos Realizados** (referência aos trabalhos anteriormente realizados no sítio) e **Bibliografia** (em publicações ou relatórios técnico - científicos). Naturalmente que a informação pode ser mais ou menos pormenorizada, em função da informação existente.

Para além da descrição de sítios foi ainda criada uma Ficha (Word) para o espólio da Fonte da Senhora 7.

Nesta ficha foram considerados 13 campos, uns relacionados com o inventário de escavação (**Nº da Sepultura; Nº de Inventário; Datação; U.E.; Data**), e outros com a descrição da peça (**Designação; Datação; Suporte; Altura; Diâmetro da Base; Diâmetro do Bordo; Diâmetro do Bojo; Descrição e Foto**).

3. Características geomorfológicas do concelho de Montemor-o-Novo

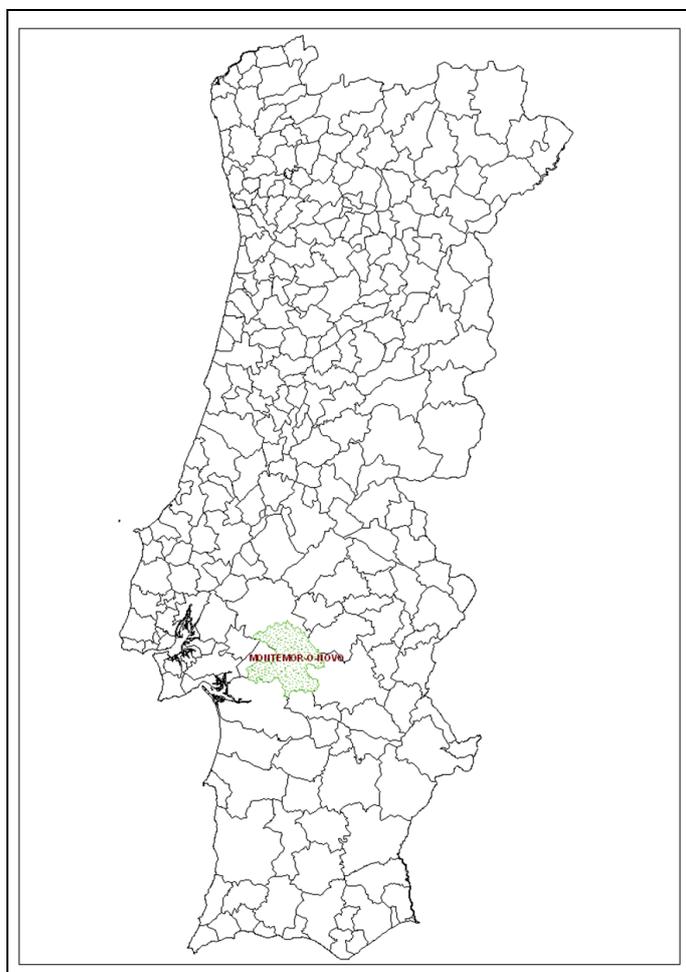


Figura 1. Localização do concelho a nível nacional

O concelho de Montemor-o-Novo localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora e ocupa uma área de 1232,2km². Divide-se em dez freguesias: Cabrela, Lavre, Nossa Senhora da Vila, Nossa Senhora do Bispo, Santiago do Escoural, São Cristóvão, Ciborro, Cortiçadas de Lavre, Silveiras e Foros de Vale de Figueira.

O concelho faz fronteira a Oeste com o concelho de Vendas Novas e o do Montijo (este já no distrito no Setúbal), a Sudeste com Viana do Alentejo, a Este com

Arraiolos e Évora, e a Sul e Sudoeste com Alcácer do Sal (este também do distrito de Setúbal).¹

A base da economia do concelho é na sua grande maioria composta pelo sector agro-pecuário. Na agricultura encontramos um grande predomínio do cultivo de cereais, cultura forrageira, pousio, olival, vinha e pastagens permanentes. Na pecuária é de destacar a criação de aves, ovinos, suínos e bovinos. A unidade de paisagem é o montado e o campo aberto.²



Figura 2. Bacias hidrográficas do concelho

Em termos hidrográficos, a área do atual concelho de Montemor-o-Novo encontra-se inserida em duas grandes bacias hidrográficas do Sul de Portugal, a do Tejo

¹ <http://www.cm-montemornovo.pt>; <http://www.infopedia.pt/montemor-o-novo>

² IDEM

e do Sado (Fig. 2)³. Em relação às linhas de águas, o concelho apresenta várias linhas de água secundárias, afluentes e subafluentes do Tejo e do Sado, de caudal mais ou menos sazonal. As mais importantes são as ribeiras do Canha, do Lavre, e a dos Minutos⁴.

O clima é de influência marcadamente mediterrânico, que é caracterizado por uma estação seca bastante quente, que pode atingir os 40°C, e no inverno a temperatura pode descer aos 0°C, a temperatura anual média é de 15,4°C.



Figura 3. Precipitação total no concelho

A precipitação ronda os 500 mm entre o mês de Outubro e Março e os 170 mm no período mais seco, mas a precipitação pode ser bastante irregular, com índices mais

³ <http://sniamb.apambiente.pt/webatlas>

⁴ IDEM

elevados na parte Sul/ SE do concelho, onde se encontram as formações de granitos e xistos e grauvaques (Fig.3).

O concelho encontra-se a 219m acima do nível do mar, a sua morfologia é relativamente plana e suave, onde se destaca a serra de Monfurado com cerca de 424 m.

Em termos geológicos, o território encontra-se entre as bacias do cenozóico do Tejo e do Sado, são grandes áreas de abatimento, cuja subsistência foi sendo gradualmente compensada pelo preenchimento de materiais detríticos continentais (BRITO, 2005: 36-45).

Os solos são predominantemente do tipo Luvisolos, que são argilosos, com elevado grau de saturação em base, e também Litossolos, mais pedregosos, muito pouco espessos e pouco evoluídos que se encontram sobre as rochas mães.

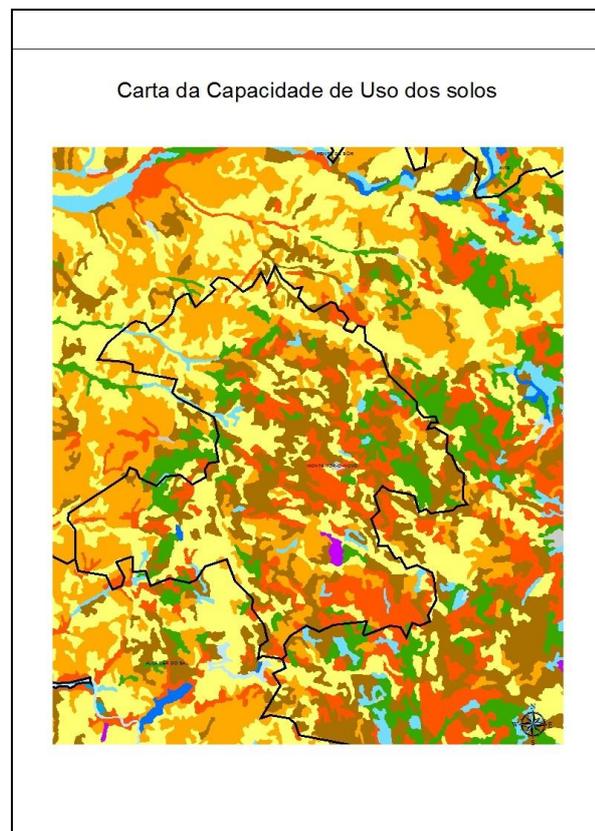


Figura 4. Carta de capacidade de uso dos solos do concelho

Em termos de capacidade de uso do solo, o concelho apresenta uma grande variedade de solos, como se pode ver na figura 4. Encontram-se solos de Classe D e E (castanho) que representam uma utilização não agrícola (florestal), com limitações moderadas e severas. Esta classe de solos têm maior representatividade no norte e no sul do concelho, os solos com maior capacidade agrícola são solos de Classe B (verde), com limitações moderadas que apenas aparecem pontualmente ao longo do concelho, e Classe C (laranja), condicionado por limitações acentuadas. Esta situação é muito frequente ao longo de todo o concelho, assim como os solos de Classe C + D e E (castanho) que são solos mais complexos.

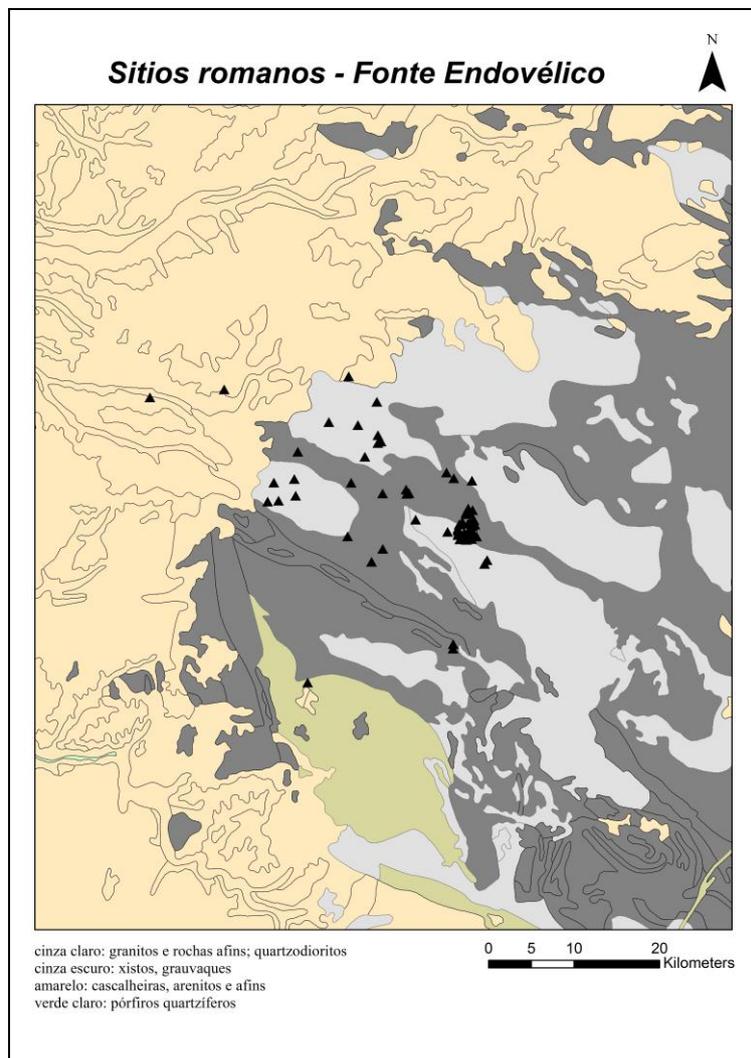


Figura 5. Implantação dos sítios romanos sobre carta geológica, resumida.

A grande diversidade geológica e também pedológica condiciona naturalmente o tipo de relevo, de paisagem e de produções agropecuárias e, por consequência, o povoamento humano desde os tempos antigos, como se pode observar na figura 5. As bacias terciárias do Tejo e do Sado, com areias, e os pórfiros quartzíferos, são áreas claramente marginalizadas neste período, ao contrário dos períodos mais antigos, como a pré-história recente, onde se privilegiam solos mais leves.

4. A ocupação de época romana no concelho de Montemor-o-Novo

A ocupação romana no atual concelho de Montemor-o-Novo, é conhecida e referida desde, pelo menos, o séc. XVIII. De fato, em 1758, no âmbito do inquérito remetido a todos os párocos e que constituíram, na sua essência, o primeiro grande levantamento do Património – Memórias Paroquiais – à escala do reino, refere o Reverendo Pedro Botelho do Vallé, sobre a freguesia da Matriz da Vila de Montemor-o-Novo que “ *No tempo dos Romanos foi povoamento insigne, para o que he fundamento irrefragável a pedra que se acha no exterior parede do adro da Igreja Matris de Nossa Senhora do Bispo, que ainda hoje existe dentro da cerca da antiga villa, em que fás memoria de huma Flaminia de toda a Luzitannia diferente da Eborence, como se vá da inscrição de que estando tão publica nenhum dos nossos historiadores des menção*

*MEMORIAE. G. F. CAL - / CHISIAE. FLAM. PROV. / LUSI. II. FIL. PISSM. ET. / MAR. L. E. SIDONIE. / NEPT. DULC. ET APON. / LUPIANO MAR. MER - //p. 1430 // SER. MATER. IUN. LEONICA. KARIS. SU - / IS. ET. SIBI”.*⁵

Esta epígrafe atualmente encontra-se na parede fronteira ao actual edifício da câmara municipal de Montemor-o-Novo. Apesar da informação dada pelo R.º Pedro Botelho do Vallé, esta inscrição não é originária da antiga vila de Montemor-o-Novo, pois, segundo José d'Encarnação (ENCARNAÇÃO, 1984), Túlio Espanca refere que esta epígrafe terá sido transportada de Mértola para Montemor-o-Novo, por D. Martinho

⁵http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1961:montemor-o-novo-matriz&catid=67:montemor-o-novo&Itemid=58 25/3/2013

de Mascarenhas, no século XVII e colocada na parede da Igreja de Santa Maria do Bispo, como refere o R.º Pedro Botelho de Vallé (ESPANCA, 1975).

No decurso do séc. XX e primeiras décadas do séc. XXI outros trabalhos, mais ou menos dispersos ou inseridos em minimização de impactes ambientais, foram realizados nesta área o que permitiu ampliar o número de sítios conhecidos. Numa breve análise da dispersão de sítios romanos do concelho de Montemor-o-Novo, a partir dos existentes na Base de dados do Endovélico, podemos verificar que estes se encontravam presentes sobretudo a Norte da cidade de Montemor, existindo uma grande concentração a NE da mesma.

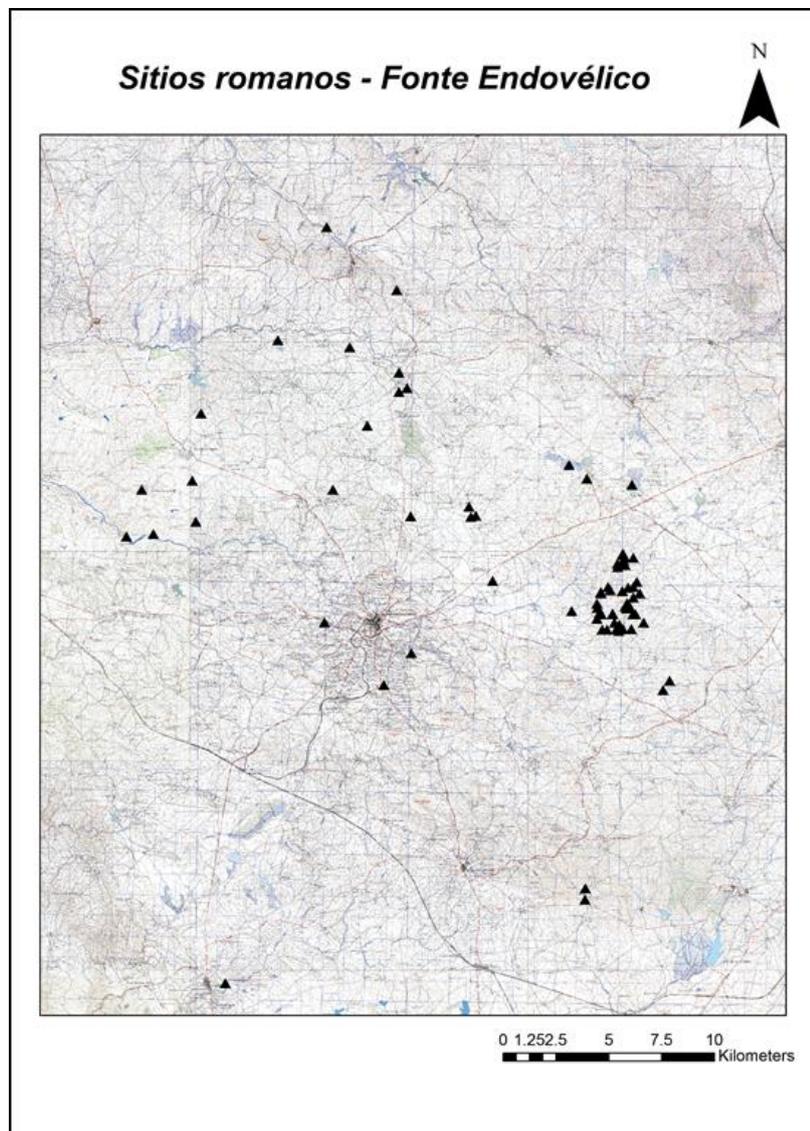


Figura 6. Sítios romanos do concelho. Fonte: Endovélico.

Atendendo à tipologia e dimensão dos sítios identificados, pode-se considerar que existe uma ocupação rural do território, onde podemos encontrar desde as *villae* aos pequenos sítios rurais, numa ocupação certamente muito ligada quer à cidade de Évora quer às vias romanas que atravessavam o concelho, no sentido Este-Oeste e Norte-Sul.

Em termos gerais, a *villa* em época romana é considerada por alguns autores como uma exploração pré-capitalista, nas quais se produzia mais do que aquilo que se consumia, o que pressupõe a existência de um mercado para transação dos excedentes, assim como vias de comunicação que a ligasse aos grandes centros urbanos da época (ALARCÃO, 1983:113). O grande latifúndio apresenta, já nesta altura, maior incidência no Alentejo, pois é a única região do país que apresenta as características essenciais para a implantação deste tipo de exploração. O concelho de Montemor-o-Novo apresentava assim condições propícias ao estabelecimento de unidades agrícolas no período romano.

Em relação às *villae*, apesar de vários sítios estarem assim classificados na base de dados Endovélico, nunca nenhuma foi escavado por completo. Apenas os balneários da Fonte do Prior, que fora objeto de uma intervenção de emergência pelos arqueólogos Afonso do Paço e João de Lemos, no ano de 1962, foi parcialmente escavada e publicada (PAÇO e LEMOS, 1962).

De realçar que esta intervenção apenas se realizou devido ao alerta dado por parte do Dr. Alfredo Maria Cunhal, que refere a existência de “antiguidades” na herdade da Fonte do Prior. Este facto levou estes dois arqueólogos a visitarem o local, onde foram encontrar para além das estruturas que se encontravam junto de uma malhada, uma inscrição romana encostada às paredes do monte onde se podia ler o seguinte texto: *FORTVNATA H (ic) S (ita sepultta) E (st) S (it) T (ibi) T (erra) L (evis)*, que

significa, “ *FORTVANA AQUI ESTÁ SEPULTADA. A TERRA TE SEJA LEVE*”. Atualmente esta epígrafe encontra-se no Museu de Évora.

A estrutura rectangular detectada junto à malhada encontrava-se forrada de *opus signinum*, e era utilizada para a recolha do bagaço da azeitona, que se destinava à alimentação do gado suíno. Após a realização da escavação esta deu alguns resultados tanto a nível arquitectónico como material. A nível arquitectónico o resultado foi uma zona balnear que provavelmente pertence a uma *villa*. Foram identificados alguns materiais cerâmicos; dois anéis e duas moedas, desconhecendo-se o paradeiro do espólio recolhido. Apenas se tem a informação que as duas moedas foram enviadas na altura para um numismata, o Tenente-coronel João Lopes da F. Guedes. Recentemente foi descoberta uma cupa, que se encontrava na estrutura do monte a quando de uma obra - foi doada pelo proprietário ao Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Para além dos grandes latifúndios, é de realçar também a presença de pequenos casais agrícolas. No caso da Herdade da Comenda da Igreja, foram escavados também por Afonso do Paço, dois casais rústicos, que deviam explorar a terra em propriedade plena ou então arrendada a algum abastado proprietário (PAÇO e LEMOS, 1962a).

O primeiro dos casais rurais, conhecido por Curral dos Cães, era constituído por um edifício que tinha cinco divisões amplas e mais uma que não se encontrava ligada às outras. A dependência maior situava-se no centro e possuía uma lareira, as restantes divisões pareciam destinar-se às diversas funções associadas ao trabalho do campo. Este casal apresentava semelhanças com as grandes explorações agrícolas. Deveria ser auto-suficiente e, em algum momento, deverá ter alcançado uma certa prosperidade dada a presença de fragmentos de ânfora e cerâmicas finas importadas que ali se encontraram, assim como uma bolsa de linho grosseiro que continha moedas do século IV, que se encontrava num dos compartimentos.

O casal do Cabeço do Cervo apresenta dois núcleos, afastados cerca de 50 metros. Apesar desta diferença, apresenta as mesmas características, em relação ao espólio ali recolhido que o do Curral dos Cães.

Segundo as regras da boa gestão agrícola, apresentada pelos autores romanos, as unidades de exploração agrícola teriam de ser auto-suficientes, o que foi bem visível nestes dois casos, mas não reduzida á miséria, mas pelo contrário, apresentavam meios suficientes para adquirir cerâmicas finas de importação, assim como alguns recursos financeiros. Pode-se também depreender que estes casais não deveriam estar longe dos circuitos comerciais da época (FABIÃO, 1992).

Apesar destes exemplos do mundo rural, ainda existem muitas lacunas sobre o povoamento rural deste concelho. Os trabalhos de minimização de impactes realizados na Barragem dos Minutos, vieram demonstrar a existência de um povoamento aparentemente denso, constituído por pequenos casais agrícolas. No entanto, as escavações parciais realizadas em alguns dos sítios identificados não permitiram determinar as suas verdadeiras dimensões e funcionalidade. No sítio Minutos 6 foram escavadas divisões habitacionais, que foram datadas da época romana, através do espólio ali recolhido. Para além deste sítio, também foi descoberta uma necrópole tardo-romana em Senhora da Fonte 7. Na necrópole foram identificadas 15 sepulturas, dez das quais com espólio funerário.

A Fonte da Senhora 7 apresenta uma homogeneidade cronológica dos enterramentos, mas não se encontra vestígios de uma *villa*, neste caso poderá estar “integrada num povoamento rural constituído por pequenas unidades domésticas organizadas, de forma dispersa ou associada, em pequenos aglomerados populacionais mais ou menos coesos, ainda por identificar” (JORGE, 2003: 101). Existem locais em

que foram identificados locais de enterramento junto a pequenos habitats, como no caso do Curral dos Cães, que apresenta três sepulturas (PAÇO e LEMOS, 1962).

A associação entre espaços de vivos e espaços de mortos ainda não se encontra cabalmente estabelecida neste território. “ A articulação entre o mundo dos mortos e dos vivos, em meio rural, é dificultada pela frequente escassez de dados respeitantes a localização do espaço funerário em relação aos ambientes em que os vivos actuam e se movimentam.” (JORGE,2003: 101).

Pouco se sabe também em relação à economia da região, embora existam duas referências à exploração de ferro, na mina dos Monges, e a uma pedreira localizada em São Brissos, na qual se explorava calcários fétidos (ALARCÃO, 1983). A presença de ouro na Serra de Monfurado poderá também ter sido explorada neste período uma vez que as pepitas se encontram logo em níveis superficiais.

Naturalmente que este povoamento romano teria de estar estruturado em função de uma qualquer via romana, principal ou secundária. Apesar da escassez de estudos e de vestígios arqueológicos, Francisco Bilou (BILOU, 2000), publicou alguns vestígios que poderão pertencer ao troço da Via Romana entre Eborá e Salácia. Os vestígios apresentados são alguns troços de calçada assim como três marcos miliários, que se localizam na zona de São Brissos.

5. Relação dos sítios romanos do concelho de Montemor-o-Novo

5.1. *Barragem dos Minutos*

A construção da Barragem dos Minutos, que se encontrava referenciada no Plano de Valorização do Alentejo desde os anos 50, como pequeno aproveitamento hidráulico, inicia-se apenas nos finais da última década do séc. XX.

A barragem foi pensada para ajudar o desenvolvimento agrícola da região, como “elemento capaz de alterar positivamente as condições de vida no concelho de Montemor-o-Novo”⁶ face às adversas condições climáticas que se fazem sentir nesta região.

Para além do Estudo de Impacte Ambiental realizado na fase de projeto, que permitiu identificar algumas dezenas de sítios arqueológicos de diferentes cronologias e tipologias, foram também realizadas as medidas de minimização previstas. O acompanhamento arqueológico durante os trabalhos de desmatação que permitiram ampliar o número de sítios registados, nomeadamente do período romano. No final da obra, tinham sido identificados, e estudados, mais de uma centena de sítios arqueológicos.

O primeiro trabalho realizado no âmbito da barragem, designado por EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico, foi executado em 1992 e, a componente do Descritor Património teve a responsabilidade científica de José Arnaud. Posteriormente, em 1998 foi realizado novo EIA sobre o Património Arqueológico, desta vez sob a responsabilidade científica de Luciana de Jesus.

⁶http://sir.dgadr.pt/conteudos/regadios/outra_inf_relevante/reg_Exploracao2011/Alentejo/Minutos.pdf

Em 1999 foram adjudicados a Teresa Ricou, os primeiros trabalhos de acompanhamento arqueológico da empreitada da construção da Barragem dos Minutos.

Em 2002, foi realizado um novo EIA pela empresa ERA, Arqueologia, que visava outro tipo de infraestruturas, *EIA – Rede de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, coordenado por Sandra Brazuna Lopes, e em 2003, por Rita Ramos.

Dada a dimensão dos custos previstos para esta obra foi realizado, em 2002, um Concurso Público Internacional que foi ganho pela empresa Era, Arqueologia, pelo que os trabalhos de acompanhamento arqueológico e de escavação e/ou sondagens de sítios arqueológicos realizados entre 2003-2004, foram coordenados pelo Dr. António Valera.⁷

“Destaca-se a revelação de contextos de cronologia tardo-romana e alto-medieval, em que vários sítios revelaram diferentes edifícios e estruturas deste período, incluídos contextos funerários⁸”.

5.1.1. Inventário dos sítios identificados e intervencionados

Como se referiu anteriormente, em termos de EIA, foram identificados um total de 59 sítios arqueológicos na sua maioria situados na zona da futura albufeira⁹. Posteriormente, já no início da obra foram realizadas novas prospeções que permitiram ampliar substancialmente o número de sítios arqueológicos, sendo 36 do período romano.

⁷ De acordo com a informação que se encontra no Endovélico

⁸ www.era-arqueologia.pt/projectos/21

⁹ https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11184/108/NNAIA_584.pdf

Referenciam-se de seguida os sítios intervencionados ou apenas registados no âmbito dos trabalhos realizados na Barragem dos Minutos.

1. Minutos 11 (CNS 16466)

Este sítio localizava-se “ na margem esquerda da ribeira de Almansor, no sopé do Cerro do Godelo (...)” (SILVA, 2002: 9).

Minutos 11 apresentava uma pequena estrutura tarde-romana/alto medieval, que foi construída em duas fases distintas. A planta da estrutura era retangular e possuía 15,40m², na primeira fase; na segunda fase terá sido aumentada para NE em cerca de 5,28m². “ A intervenção arqueológica incidiu sobretudo no espaço intra-muros” (IDEM, IBIDEM: 11) da estrutura retangular e não foram recolhidos muitos materiais. Estes encontravam-se pouco estruturados e na sua maioria eram cerâmica de construção; foram também recolhidos materiais que devem ter sido reutilizados que deveriam pertencer a um povoado pré-histórico localizado não muito longe deste sítio - um dormente e uma mó manual em granito.

Foi escavada uma segunda divisão que apresentava uma planta subquadrangular. Os muros eram compostos por blocos de granito que se encontravam consolidados entre si por “uma argamassa de terra misturada com calhas de granito e escassos fragmentos de cerâmica de construção de médias dimensões (*opus Vittatum*), a largura dos muros não ultrapassava os 78 cm” (IDEM, IBIDEM: 19-20). A única entrada encontrava-se virada a Sul. Para esta estrutura (Fig. 7) foi avançada a hipótese de se tratar de uma estrutura de apoio a uma *villa*.

O sítio Minutos 11 foi intervencionado pela empresa ERA-Arqueologia com a coordenação de Inês Mendes da Silva, no ano de 2001 (SILVA, 2002).

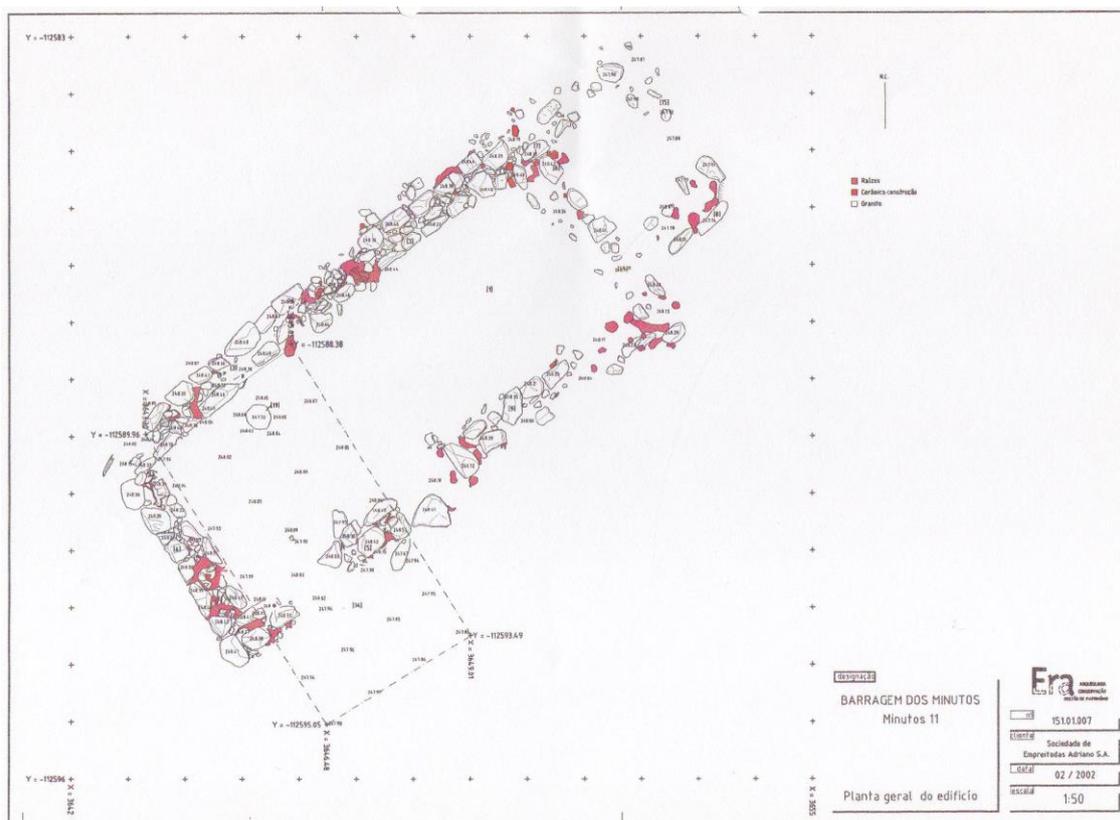


Figura 7. Planta de Minutos 11, sgd. Inês Silva, 2002

2. Amoreinha 8 (CNS 14026)

Das estruturas escavadas por ocasião das obras da Barragem dos Minutos, aquela que foi caracterizada como sendo possivelmente um casal de época romana foi a Amoreinha 8, possivelmente uma estrutura agrícola, que poderia servir de apoio a uma *villa*.

O sítio foi intervencionado em duas fases, uma em 2003 e a outra em 2004, sob a responsabilidade de Ana Cristina Ramos. Este sítio havia sido identificado durante os trabalhos de desmatção realizados na zona do regolfo da albufeira da Barragem dos Minutos, em 1998. O sítio divide-se em duas áreas distintas “uma área total ou parcialmente coberta (pátio/alpendre/armazém) ” (SILVA, 2004: 5), conjugada com

espaços de menor dimensão da habitação; outra área a Sul, “onde se definiriam diversos muros delimitadores de compartimentos” (IDEM, IBIDEM: 5)

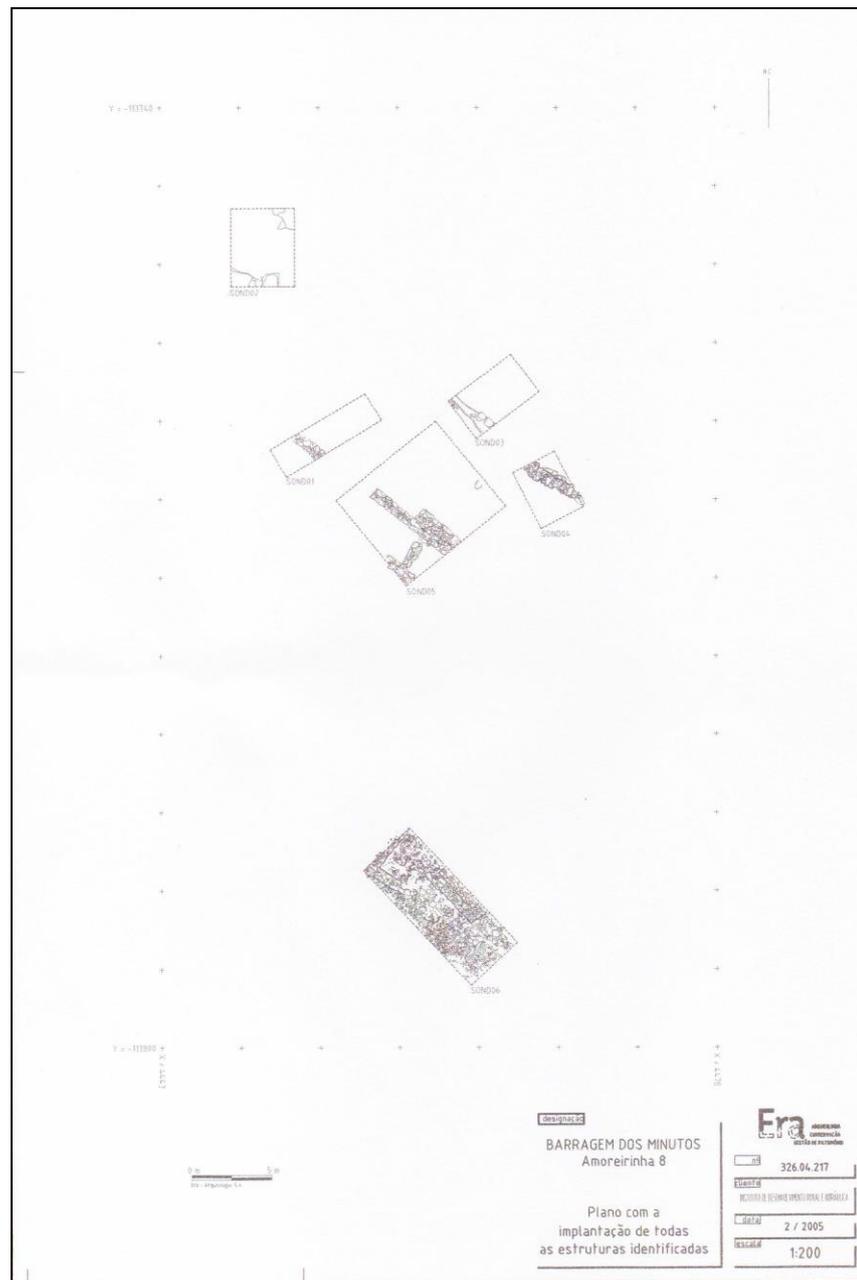


Figura 8. Planta com as sondagens realizadas em Amoreirinha 8. Sgd. Inês Silva, 2005

O sítio em questão apresentava uma dispersão de materiais por cerca de 3000m², mas apenas foram intervencionados 155m², divididos em seis sondagens (Fig. 8). Apesar das sondagens realizadas os resultados foram pouco esclarecedores quanto à questão da funcionalidade da estrutura habitacional.

Segundo os responsáveis apesar de os objetivos não terem sido alcançados, consideraram que se podia tratar de um casal agrícola, “ certamente relacionado com a produção agrícola e pecuária, em paralelo com a exploração do montado/bosque “ (IDEM, IBIDEM: 52).

Atualmente o sítio encontra-se submerso pela albufeira da Barragem dos Minutos, tendo sido protegido por camada de terras e pedras aparelhadas.

3. Minutos 6 (CNS 16640)

Minutos 6 localizava-se numa suave vertente junto ao rio Almansor. Entre 2001 e 2002, foram realizadas cinco sondagens de diagnóstico, sob a responsabilidade da arqueóloga Sandra Brazuna. Posteriormente, ainda foram realizados alguns alargamentos para esclarecimento de estruturas identificadas. De todas as sondagens realizadas apenas as sondagens 2 e 4 apresentaram alguns resultados, sendo a sondagem 4 a que teve os resultados mais relevantes. Nesta sondagem foi identificado um “ edifício” (SILVA e BRAZUNA, 2006: 59) com dois compartimentos. O compartimento 1 (Fig. 9) tinha cerca de 23m². Na zona central foi identificado uma “estrutura rectangular constituída por blocos de pedra toscamente aparelhados” (IDEM, IBIDEM: 59). Apesar de se ter colocado a hipótese de se tratar da base de uma lareira, não foram encontradas cinzas.

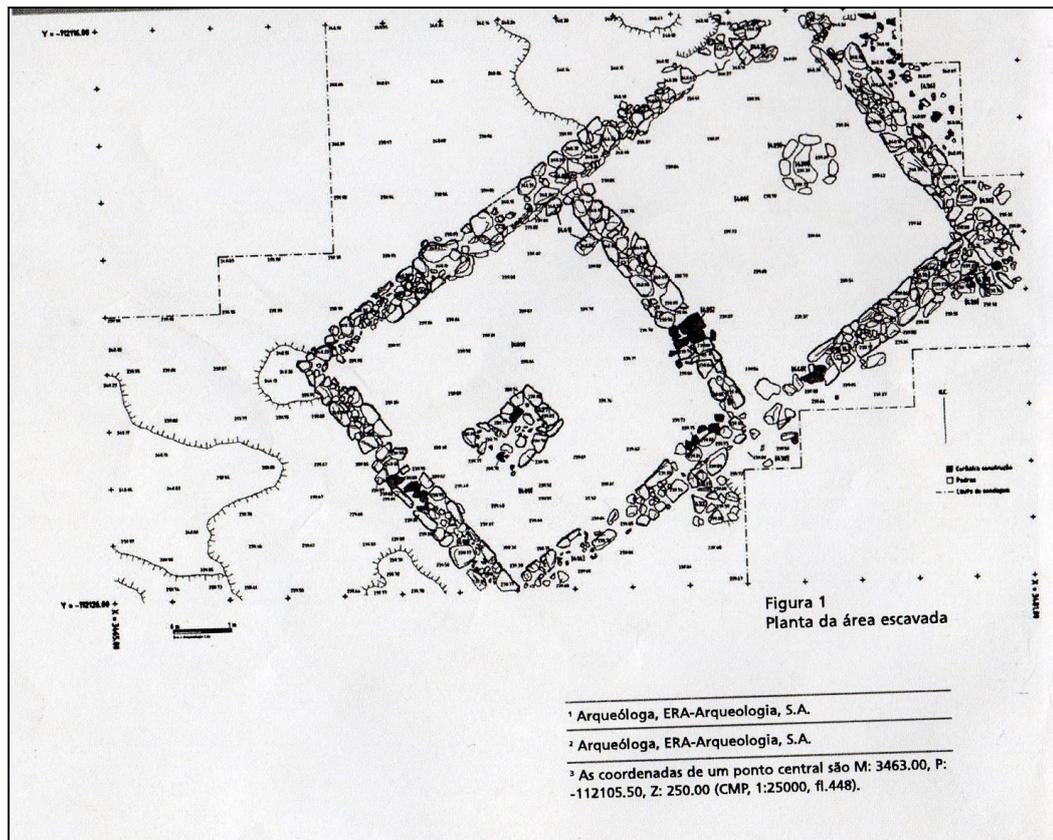


Figura 9. Planta de Minutos 6. Sgd Sandra Brazuna, 2003

No compartimento 2, cujas dimensões totais se desconhece (Fig. 9), foi identificada uma estrutura circular, que inicialmente se pensou tratar de um silo, o que não foi confirmado durante as escavações face à inexistência de vestígios no sedimento recolhido/tratado. Também foi levantada a hipótese de se tratar de uma lareira mas mais uma vez não foram encontradas cinzas ou marcas de fogo. A N.E. deste compartimento detetou-se uma estrutura igual à que se havia registado no compartimento 1, definida por dois blocos de pedra. Provavelmente deveria desempenhar a mesma função que a estrutura do compartimento 1 e, mais uma vez, não foi recolhido qualquer espólio. Em termos de construção a estrutura, é muito simples, com os muros formados “por blocos grandes e de média dimensão toscamente aparelhados” (IDEM, IBIDEM: 60), preenchidos com pedras de pequena e grande dimensão, a argamassa utilizada era de

terra compacta, a matéria-prima usada para a construção dos muros é gneisse e o granito da região.

O espólio recolhido durante a escavação, foi essencialmente cerâmica de construção *tegulae*, *imbrices* e tijolos; foram recolhidas duas moedas na sondagem 2 e 4, uma fíbula em ómega intacta no compartimento 2. Foram também recolhidos dois fragmentos de lucerna no compartimento 1, assim como alguma cerâmica de paredes finas. Foram também recolhidos muitos fragmentos de *terra sigillata* hispânica, na sua maioria no compartimento 1, cerâmica de importação africana mas, a maior parte da cerâmica recolhida era cerâmica comum, de produção local/regional; recolheu-se ainda alguns pesos de tear, fragmentos de uma mó e três pedras de amolar.

Esta estrutura, perante o espólio recolhido de importação apresenta um certo nível de riqueza que se pode assemelhar ao espólio que pode ser recolhido numa *villa*. Este caso não é inédito visto que nas escavações realizadas nos anos 60 no Curral dos Cães e no Cabeço do Ceivo, também se recolheu espólio algo similar.

Atualmente este sítio encontra-se submerso pelas águas da albufeira da barragem.

4. Alcava de Baixo 5 (CNS 14040)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila e está classificado como *vestígios dispersos*. Localiza-se num pequeno topo que se encontra fora da zona da albufeira. No local foi identificada uma grande quantidade de cerâmicas. Esses vestígios prologavam-se até à zona de inundação da albufeira.

Foram apenas realizados trabalhos de prospeção para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico* (1998), por Luciana Jesus (JESUS, 1998).

5. Amoreira da Torre 2 (CNS 14043)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Localiza-se junto a uma albufeira do lado direito da estrada que liga à Herdade da Amoreira da Torre foi identificada alguma cerâmica de construção e uma *tegulae*. Surgem também à superfície restos de duas prováveis estruturas.

Foram realizados dois trabalhos de prospeção, o primeiro em 1998 para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998) e, o segundo, em 2007 para a *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

6. Amoreira da Torre 3 (CNS 14044)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Situa-se numa elevação perto do rio Almansor e da ponte da autoestrada. Foi identificada cerâmica de construção e cerâmica comum. Do lado oposto, encontrou-se um fragmento de mó.

Foram realizados dois trabalhos de prospeção, o primeiro em 1998 para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998) e, o segundo, em 2007 para a *Carta arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

7. Bandarra 2 (CNS 14010)

Localiza-se na freguesia Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Implanta-se num pequeno topo, na área limite da barragem que se encontra inundada; foram identificados alguns vestígios relacionados com a época romana.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1998 para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998).

8. Bandarra 3 (CNS 14011)

Localiza-se na freguesia Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Trata-se de uma mancha de materiais ao longo da margem do rio Almansor, onde também foram detetados vestígios de época romana.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1998 para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998).

9. Fonte da Senhora 4 (CNS 14022)

Localiza-se na freguesia Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Ao longo de uma suave encosta desenhada entre dois pequenos afluentes do Ribeiro de Matoso foram identificados vestígios cerâmicos.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1998 para o *EIA-Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998). Em 2003, foram realizados trabalhos de acompanhamento durante as obras de construção da Barragem dos Minutos, por Ana Ramos (RAMOS, 2003).

10. Monte da Serranheira 4 (CNS 14008)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Durante o EIA da Barragem dos Minutos foram detetados fragmentos de cerâmica e *tegulae* do período romana, a cerca de 300 metros da Anta do Carrascal 1 e, a 100 metros da antiga via que liga o monte do Carrascal ao monte da Serranheira.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1992, no âmbito do *EIA da Barragem dos Minutos sobre o Património Arqueológico*, por José Arnaud (ARNAUD,1992).

11. Monte do Carrascal 2 (CNS 4959)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Entre o caminho e a ribeira do Matoso, foram detetados fragmentos de cerâmica, que foram atribuídos à época romana.

Foi realizado um trabalho de prospeção em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998).

12. Alcava de Baixo 1 (CNS 14039)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Numa extensão de terra lavrada, que se localiza na margem esquerda de um afluente da Ribeira de Santa Sofia, detetou-se uma grande concentração de cerâmica.

Foram realizados dois trabalhos neste sítio, o primeiro em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS,

1998), e foram realizadas sondagens em 1999, no âmbito do *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Pedro Aldana (ALDANA e LAGO, 1999).

13. Amoreirinha 5 (CNS 14023)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, e está classificado como *habitat*. Situa-se numa pequena elevação do terreno onde foi identificada uma grande quantidade de cerâmica romana. Durante a realização da sondagem identificou-se um sítio com uma simplicidade estratigráfica mas sem serem identificadas estruturas. Atualmente este sítio encontra-se na área de implantação da barragem dos Minutos.

Foram realizados dois trabalhos neste sítio, o primeiro em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998), e foram realizadas sondagens em 1999, no âmbito do *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Pedro Aldana (ALDANA e LAGO, 1999).

14. Amoreirinha 6 (CNS 14024)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. No talude em redor do Monte da Amoreirinha foi identificada uma grande quantidade de cerâmica. Durante a realização da sondagem identificou-se um sítio que apresentava sinais de ter sido recentemente afetado por atividade antrópica. Existe também a possibilidade de possuir uma ocupação anterior, pré-histórica, devido aos materiais encontrados. Foi ainda registada uma ocupação posterior, do período

medieval/moderno, com a identificação de estruturas, para as quais não se conhece a funcionalidade.

Foram realizados dois trabalhos neste sítio, o primeiro em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998), e foram realizadas sondagens em 1999, no âmbito do *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Pedro Aldana (ALDANA e LAGO, 1999)

15. Amoreirinha 12 (CNS 14030)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. No cimo de uma elevação sobranceira ao montado da Amoreirinha e ao Ribeiro de Matoso, foram identificadas grandes quantidades de cerâmica de época romana e, talvez, da pré-histórica. Na realização da sondagem verificou-se que o sítio tinha pouca potência estratigráfica.

Foram realizados dois trabalhos neste sítio, o primeiro em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998), e foram realizadas sondagens em 1999, no âmbito do *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Pedro Aldana (ALDANA e LAGO, 1999).

16. Bandarra 1 (CNS 14009)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Numa pequena elevação foi identificada uma grande quantidade de cerâmica, que se atribuiu ao período romano. Mais tarde durante a escavação ali realizada

verificou-se que o sítio apresentava escassa potência e complexidade estratigráficas, já não existindo contextos arqueológicos conservados.

Foram realizados três trabalhos neste sítio, o primeiro em 1998, *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998); foram realizadas sondagens em 1999, no âmbito do *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Pedro Aldana (ALDANA e LAGO, 1999) e, em 2003, ainda com o acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

17. Bandarra 6 (CNS 19631)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Durante a intervenção arqueológica foi possível identificar uma sepultura e dois derrubes, o que parece apontar para a existência de uma área habitacional e um espaço funerário.

Foram realizadas sondagens em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Iola Filipe (FILIPE, 2003).

18. Bandarra 7

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Encontra-se no extremo Norte da área a afetar pelo enchimento do regolfo da barragem dos Minutos, numa área relativamente aplanada, na margem esquerda do Rio Almansor.

Foi classificado como sendo de época romana devido à presença ocasional de fragmentos de cerâmica comum assim como materiais de construção e a presença se alguns alinhamentos pétreos que eventualmente poderiam corresponder a estruturas.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003 no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

19. Bandarra 8 (CNS 19529)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Encontra-se numa plataforma sobranceira ao Rio Almansor, no extremo Norte, área que foi afectada pelo enchimento do regolfo da barragem dos Minutos.

Foi classificado como sendo de época romana, devido à presença ocasional de fragmentos de cerâmica comum assim como de materiais de construção.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

20. Bandarra 9 (CNS 19524)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Encontra-se numa plataforma sobranceira ao Rio Almansor, no extremo Norte da área que foi afetada pelo enchimento do regolfo da Barragem dos Minutos.

Foram detetados á superfície, ocasionalmente, fragmentos de cerâmica comum e de construção.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003 no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

21. Cerro do Godelo 3 (CNS 7361)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. O sítio encontra-se atualmente transformado em ilha, no interior da Barragem dos Minutos. Foi registado um possível habitat romano com uma estrutura retangular ainda visível, constituída por blocos de granito aparelhados com cerca de 10m de largura e 12m de comprimento, orientado a Nordeste. Detetou-se bastante cerâmica e *tegulae* numa área de meio hectare.

Neste local foram realizados vários trabalhos: 1) em 1985, o *Levantamento Arqueológico dos Concelhos de Évora e Montemor-o-Novo*, por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1985); 2) em 1992, trabalhos de prospeção no âmbito do projeto *EIA – Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por José Arnaud (ARNAUD, 1992); 3) em 1998, foram realizado mais trabalhos de prospeção no âmbito de projeto *EIA – Barragem dos Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998); 4) em 2003, o acompanhamento arqueológico durante a fase de obra da Barragem dos Minutos, por Sofia Gomes (GOMES, 2003).

22. Cerro do Godelo 9 (CNS 19527)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Localiza-se na vertente a SE, próximo do Ribeiro do Matoso. Foram

identificados materiais à superfície, nomeadamente cerâmica comum e de construção romana. Alguns alinhamentos pétreos podem indicar a presença de uma estrutura.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

23. Cerro do Godelo 10 (CNS 19539)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado *habitat*. Foi identificado um muro em mau estado de conservação, que não tem ligação com outras estruturas. A NW deste muro foi identificado outro possível muro, com algumas reservas, uma vez que foi identificado apenas em corte.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Iola Filipe (FILIPE, 2003).

24. Cerro do Godelo 11 (CNS 13985)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Na vertente a SE do cerro, próximo da Ribeira do Matoso, foram identificados ocasionalmente fragmentos de cerâmica, que foram atribuídos à época romana.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

25. Cerro do Godelo 12 (CNS 19523)

Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Na vertente SE do cerro, próximo da Ribeira do Matoso, foram identificados muros e alguns derrubes, bem como fragmentos de cerâmica, atribuídos ao período romano.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

25. Fonte da Senhora 3 (CNS 14020)

Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Identificada uma grande quantidade de cerâmica comum, cercada por um muro de pedra seca, no topo de uma pequena elevação.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1998 no âmbito do projeto *EIA – Barragem dos Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Dra. Luciana Jesus (JESUS, 1998; em 1999, foram realizadas sondagens no âmbito do mesmo projeto, por Miguel Silva (SILVA, 1999); em 2003, foi realizado acompanhamento durante a fase de construção da Barragem dos Minutos, por Sandra Santos (SANTOS, 2003).

26. Malhadas 2

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Junto às casas das Malhadas, foi identificada uma grande quantidade de cerâmica de época romana. Nas escavações realizadas foi possível identificar algumas

estruturas que limitam o que parece ser uma habitação, com pavimento em *opus*. Estas estruturas encontram-se em bom estado de conservação.

Foram realizados trabalhos de prospeção em 1998, no âmbito do projeto *EIA – Barragem dos Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana Jesus (JESUS, 1998); em 1999, foram realizadas sondagens no âmbito do mesmo projeto, por Miguel Silva (SILVA, 1999); em 2003, foi realizado acompanhamento durante a fase de construção da Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

27. Minutos 13 (CNS 19526)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Foram identificados à superfície alinhamentos de pedra com cerâmica de construção, que pode estar associado a uma estrutura.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

28. Monte do Carrascal 4 (CNS 19530)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*. Encontra-se numa área aplanada na margem direita do Ribeiro Matoso. Foi identificada a presença de fragmentos de cerâmica comum e de construção, assim como alguns alinhamentos de elementos pétreos que podem corresponder a restos de estruturas.

Foi realizado trabalho de acompanhamento em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

29. Monte do Carrascal 5 (CNS 19632)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado com *habitat*. Situa-se numa pequena rechã, numa suave elevação, na margem direita do Ribeiro do Matoso. Foi identificada uma habitação com vários compartimentos, mas apenas um foi totalmente escavado.

Foi realizado trabalho de acompanhamento, em 2003, no âmbito do acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos, por Cláudia Romão (ROMÃO, 2003).

30. Monte Amoreira de Cima 2 (CNS16866)

Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora da Vila, está classificada como *villa*.

Neste local foram identificados fragmentos de material de construção, designadamente *tegulae* e pequenos fragmentos de cerâmica comum, muito rolados.

Em 2002 foi realizado trabalho de prospeção no âmbito do projeto *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, por Sandra Brazuna Lopes (BRAZUNA, 2002).

31. Cerro do Godelo 7 (CNS 19541)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *edifício*.

No âmbito do trabalho de acompanhamento, em 2003, foram realizadas duas sondagens de 3m por 3m, em função das estruturas visíveis e dos materiais identificados. Apenas numa das sondagens foi identificada uma estrutura que parecia ser de combustão, assim como alguns fragmentos cerâmicos, por Marina Pinto (PINTO, 2003).

32. Curral da Légua 2 (CNS 17529)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *achados isolados*.

Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico na zona de implantação rede de rega da Barragem dos Minutos, foram identificados fragmentos de cerâmica de construção, assim como um fragmento de *tegulae*. (RAMOS, 2002)

Nos trabalhos realizados para a Carta Arqueológica de Montemor-o-Novo, a cerca de 200 metros do Monte do Curral da Légua identificou-se a presença de cerâmica de construção (incluindo *tegulae*) e cerâmica comum. Na abertura de uma vala para a escorrência de águas de uma fonte nas proximidades identificaram-se estruturas nos cortes, juntamente com imbrices.

Foram realizados trabalhos de acompanhamento em 2002 no âmbito de projeto *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, por Rita Ramos (RAMOS, 2002), e prospeção em 2007, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

33. Horta da Fonte do Prior 2 (CNS 17527)

Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *achados isolados*.

Durante as obras da rede de rega da Barragem dos Minutos, foram identificados fragmentos de cerâmica de construção, incluindo *tegulae*. Em deposição secundária encontram-se materiais de época romana, que devem ser o resultado de arrastamento de algum sítio da mesma época.

Foi realizado trabalhos de acompanhamento em 2002, no âmbito do projeto *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, por Rita Ramos (RAMOS, 2002).

34. Horta do Leal (CNS 16867)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *casal rústico*.

Numa plataforma foram registados alguns alinhamentos de pedra que, pela sua organização, parecem formar compartimentos de uma eventual estrutura de habitat. Foram identificados fragmentos de cerâmica comum, de *dolium*, cerâmica de construção, telha e escória.

Foram realizados vários trabalhos de prospeção; o primeiro, em 2002 no âmbito do projeto *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, por Sandra Lopes (LOPES, 2002); o segundo, em 2007, no âmbito do projeto *EIA - Linha de Alta Velocidade Lisboa/Madrid - Troço Montemor-Évora*, por

João Albergaria (ALBERGARIA, 2007); o terceiro, em 2009, no âmbito do *projeto Estudo Prévio - Linha Divor-Pegões, a 400 kV e abertura da Linha Marateca-Fanhões, a 400 kV para a Subestação de Pegões*, por Lara Brandão e Tiago Costa (BRANDÃO e COSTA, 2009).

35. Monte de Benalfange (CNS 16868)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *indeterminado*.

Este local foi identificado durante as obras de implantação das condutas de rega da Barragem dos Minutos. Foram detetados materiais e estruturas, datados da época romana, medieval ou posterior. Foi realizada uma sondagem, onde não foram encontrados contextos arqueológicos significativos, apenas se registou uma vala indeterminada com o seu enchimento, e algum espólio num maroiço nas imediações, cerâmica de construção (incluindo *tegulae*).

O sítio teve, pelo menos, três trabalhos arqueológicos; em 2002, foi realizada prospeção no âmbito do projeto *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*, por Sandra Lopes, no mesmo ano foram realizadas sondagens no âmbito do mesmo projeto (LOPES, 2002); em 2010/11, teve novamente acompanhamento arqueológico no âmbito do projeto *Obras de Arte - Distrito de Évora*, por Núria Alves (ALVES, 2011).

36. Fonte da Senhora 7 (CNS 15698)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *necrópole*.

A Fonte da Senhora situa-se na margem esquerda da Ribeira do Matoso, a cerca de 300 metros a NO da Anta da Fonte da Senhora. Foram identificados à superfície vestígios de uma estrutura lajeada e alguns fragmentos de imbrices assim como cerâmica comum romana.

A escavação realizada no âmbito da Barragem dos Minutos, revelou uma necrópole de inumação tardo-romana, datada do século IV d.C., da qual se conservaram quinze sepulturas escavadas na rocha. Algumas ainda possuíam as estruturas internas em pedra e cerâmica de construção. Não foram recolhidos quaisquer vestígios ósseos devido à acidez dos solos.

Os trabalhos de escavação foram realizados no ano de 2001 no âmbito do projeto *Intervenção Arqueológica em Fonte da Senhora 7*, por Ana Jorge. (JORGE, 2001)

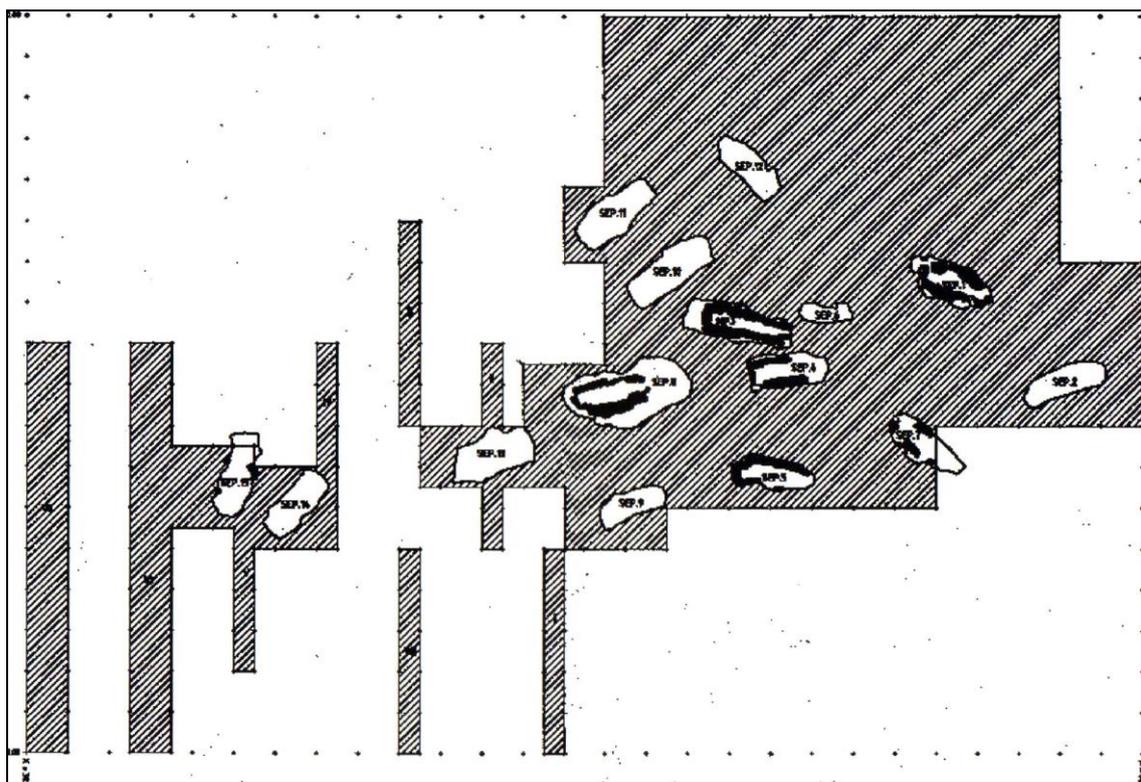


Figura 10. Planta de Fonte da Senhora 7 (sgd. Ana Jorge, 2003).

5.2. Outros sítios do período romano do concelho

Para além dos sítios da Barragem dos Minutos, tratados no capítulo anterior, existem outros sítios do período romano que resultam de outro tipo de situações, como trabalhos antigos ou trabalhos realizados já no séc. XXI, no âmbito da Carta Arqueológica, que nunca chegou a ser publicada. Seguindo os mesmos critérios metodológicos, apresenta-se nesta parte esse conjunto de informação.

5.2.1. Inventário dos sítios existentes

1. Vila do Almo (CNS 30499)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificada como *villa*. Junto ao monte do Almo encontra-se um amontoado de pedras, onde se encontraram 3 silhares. Em toda a envolvência do monte regista-se a presença de abundantes vestígios cerâmicos de época romana, com *tegulae* e *imbrices* assim como de época moderna/contemporânea, estes provavelmente relacionados com a ocupação mais recente do monte.

Foram realizados apenas trabalhos de prospecção para a *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo* (2007), por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

2. Moita do Gato 3 (CNS 5673)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Junto ao monte encontram-se diversos materiais, assim como duas

bases de coluna, uma inscrição que se encontra incrustada na parede em que a leitura não possível, e um silhar.

Foram realizados dois trabalhos, um de prospeção em 1985, *Levantamento Arqueológico dos Concelhos de Évora e Montemor-o-Novo*, por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1985); em 1989, foi realizado um levantamento para o *Projecto de Prospeções Luso-Britânico: Évora Archeological Project*, por Colin Burgess, Jorge de Oliveira e Virgílio Hipólito Correia (BURGESS, OLIVEIRA e CORREIA, 1989).

3. Monte dos Toirais (CNS 11397)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *vestígios dispersos*. Trata-se de um esporão com bom domínio visual. Apresenta uma grande dispersão de materiais.

No âmbito dos trabalhos de minimização da construção da autoestrada A6, foram realizadas 10 sondagens de diagnóstico que permitiram identificar dois níveis de ocupação, um do período romano (séc. II – III d.C.) e outro da Idade do Ferro (séc. V-IV a.C.).

O trabalho de emergência de 1998, *Intervenção Arqueológica de emergência/Salvamento no Monte dos Toirais*, foi coordenado por Jorge Vilhena (VILHENA, 1998).

4. Alto do Castelinho da Serra (CNS 6668)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *povoado fortificado*. A origem do povoado remonta à Idade do Bronze (séc. VIII a.C.),

caracterizado pelas cerâmicas brunidas e de ornatos brunidos. A 2ª ocupação deu-se por volta do séc. V/ IV e, em finais do séc. III a.C. (Id. do Ferro). Houve reocupação do sítio na época romana.

Neste sítio foram realizados diversos trabalhos, prospeção, sondagens, escavação e realocização do mesmo; 1) em 1985, foi realizado trabalho de prospeção para o projeto *Levantamento Arqueológico dos Concelhos de Évora e Montemor-o-Novo*, por Jorge de Oliveira (OLIVEIRA, 1985); 2) em 1990 e 1991 foram realizadas sondagens/escavações no âmbito de *Projecto de Prospeções Luso-Britânico: Évora Archeological Project*, por Colin Burgess, Jorge de Oliveira e Virgílio Hipólito Correia (BURGESS, OLIVEIRA e CORREIA, 1989); 3) em 1998, foram realizados trabalhos de realocização do sítio no âmbito do projeto de *Relocalização, identificação e inspeção de Sítios pela Extensão do IPA – Crato*, por Pedro Barros e Rui Boaventura.

5. Monte da Serranheira (CNS 7121)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *inscrição*. Trata-se de uma lápide sepulcral em mármore do período romano, que se encontrava a cobrir o canal de irrigação junto ao monte. Deverá ter sido levada para o Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo. A sul do monte foi também identificado um troço da via romana.

Os trabalhos realizados foram essencialmente de prospeção, em 1986 no âmbito do projeto *Levantamento Arqueológico dos Concelhos de Évora e Montemor-o-Novo*, por Jorge Oliveira (OLIVEIRA, 1985); em 1992, âmbito do projeto *EIA - Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, coordenado por José Arnaud (ARNAUD,

1992); em 1998, no novo *EIA- Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*, por Luciana de Jesus (JESUS, 1998).

6. Inscrição de Santa Margarida (CNS 4344)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *inscrição*. É possível que a inscrição romana tenha sido recolhida no *habitat* de Santa Margarida. Trata-se de uma ara de mármore que contém a seguinte inscrição:

*D(ies) M(anibus) S(acrum). LAB (eria) NIGRA/NA(nrum) LXI/ H(ic) E(est) S(it)
T(ibi) T(erra) L(evis)/ G(aius) AU (relius) VICTORINVS MATERTER/ E F(aciendum)
C(uravit)*

Esta inscrição encontra-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia, integrada na Exposição “Religiões da Lusitânia”.

Para além desta, existe ainda uma segunda inscrição:

Santa Margarida 2

Foi encontrada na Quinta de Santa Margarida, freguesia de Nossa Senhora do Bispo, Montemor-o-Novo. Trata-se de uma placa funerária em mármore, encontra-se praticamente intacta e têm a seguinte inscrição:

*“LVRIAE . T (ici). F (ilae). BOVTIAE (herdera?)/ G (aius). IVLIVS. L (ucii). F
(ilius). GAL (eria tribu). SEVERVS/ VXORI . SIBI. SVISQVE. F (aciendum). C (uravit)”*

Tradução:

“A Lúria Búcia filha de Tito. Gaio Júlio Severo filho de Lúcio, da Tribo Galéria mandou fazer para a mulher, para si e para os seus.” (ENCARNAÇÃO, 1984: 504)

Esta inscrição deveria fazer parte de um jazigo de família pois, segundo J. d'Encarnação “o texto foi mandando gravar possivelmente em vida de todos os membros ou, quando muito após a morte da mulher.” (ENCARNAÇÃO, 1984: 505)

7. Patalim 1 (CNS 4228)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como inscrição. Foi identificada em prospeções em 1985, mas apenas mais tarde foi recolhido por Manuel Calado e depositado no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Trata-se de um bloco de granito, provavelmente de origem local. Encontrava-se na propriedade do senhor José Luís Cabral, a cerca de 20 metros a estrada entre Évora e Montemor-o-Novo, junto ao curso da Ribeira de Patalim (GUERRA, 1992/1993).

8. Vila da Fonte do Prior (CNS 4305)

Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora do Bispo, está classificada como *villa*. Encontra-se a cerca de 500 metros a Oeste do monte da Herdade da Fonte do Prior, numa pequena elevação.

A primeira referência deve-se a Afonso do Paço que em 1961 identifica um balneário romano no local. O sítio possui vários núcleos ricos em vestígios romanos; foram detetados restos de canalizações, assim como vestígios de arcarias de tijolo e um recinto forrado a *opus signimum*. Em 1962 foi realizada uma pequena intervenção arqueológica, que não passou de “uma operação de emergência, executada antes que os trabalhos agrícolas consumassem a destruição total de quanto ali aparecera.” (PAÇO e LEMOS, 1961: 28).

Também neste local foi recolhida uma epigrafe funerária, na qual se pode ler *FORTVNATA H(ic) S(ita ou sepulta) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)*, esta epigrafe encontra-se actualmente na reserva do museu da Évora onde existe também uma cupa, descoberta recentemente durante a execução de obras no monte. Encontrava-se colocada no interior de uma parede; encontra-se atualmente no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo, e não apresenta nenhuma inscrição.

Nos anos de 1998 e 2001 realizaram-se alguns trabalhos arqueológicos no local de valorização, no âmbito do projeto *Limpeza de Sítios Arqueológicos do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Catarina Oliveira, e de acompanhamento arqueológico, no âmbito do projeto *Obras de Arte - Distrito de Évora*, por Núria Alves (ALVES, 2011), respetivamente.

9. São Mateus (CNS 21440)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificada como *villa*.

O sítio foi identificado no corte do talude onde, em cerca de 200 metros de detetaram materiais de construção do período romano, assim como cerâmica comum. Segundo informações orais, durante os trabalhos de construção do campo de jogos, em meados do século XX, foram identificadas “ossadas humanas”. Esta área estende-se para Este da EN2, para a zona da igreja de São Mateus, até à ribeira, que passa a Oeste da Escola primária.

Em 2004, foram realizados trabalhos de acompanhamento arqueológico no âmbito do projeto *EIA - Beneficiação da EN2 - Montemor-o-Novo/ Alcáçovas*, por Carlos Costa (COSTA, 2004).

10. Caravela do Campo (CNS 30483)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *achados dispersos*.

Em 2007, no âmbito dos trabalhos de prospeção para a *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, foram identificados, junto ao monte e canil, algumas peças aparelhadas em granito, tais como uma ara anepígrafa, duas mós e materiais de construção (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

11. Herdade das Relva de Baixo (CNS 5002)

Localiza-se na freguesia de Silveiras, está classificada como *necrópole*.

Numa área com cerca 100m², foram identificadas restos de construções em tijolo e pedra, assim como ossos queimados, fragmentos de vidro, o que indicia a presença de uma necrópole de época romana.

Nos trabalhos recentes, no âmbito da *Carta Arqueológica de Montemor-o-Novo*, foi detetada uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica, muito rolada (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

12. Casa dos Cantoneiros

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *habitat*.

O sítio está implantado num ligeiro patamar estendendo-se pela encosta virada a SE, numa área de sensivelmente de 300 m². Registou-se a presença de abundante

cerâmica de construção - *tegulae, imbrice*, cerâmica comum, fundo de uma ânfora e duas mós (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

13. Herdade da Comenda da Igreja (CNS1514)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *habitat*.

Na Herdade da Comenda da Igreja regista-se a presença de inúmeros núcleos com vestígios de época romana, o que terá certamente conduzido ao facto de lhe ser atribuído número de CNS, na base de dados da DGPC. Destacamos, nesta herdade, os trabalhos realizados por Afonso do Paço, na década de 60 do séc. XX, que se destacam, pela primeira vez, este povoamento rural romano, disperso, do concelho de Montemor-o-Novo. No Curral dos Cães e no Cabeço do Ceivo foram identificados dois casais que apresentam características de uma pequena propriedade rural (PAÇO e LEMOS, 1962).

14. Herdade da Igreja/ Herdade do Castelo (CNS1365)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *villa*.

Numa vasta área que se desenvolve para Oeste do monte regista-se a presença de fragmentos de cerâmicas romanas e outros de cronologia indeterminada. Na zona de maior concentração de cerâmicas regista-se também a existência de estruturas (muros) que, de certa forma, impede uma maior dispersão do espólio.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

15. Quinta dos Pretos

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado de *habitat*.

Numa área de grandes afloramentos que se encontram dispersos numa encosta virada a Este, perto de uma pequena linha de água, registou-se a presença de alguns fragmentos cerâmicos, bastante rolados, de época romana, nomeadamente cerâmica comum, *tegulae* e alguma escória. Também se identificou a presença de um movente pré-histórico (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

16. Dacoreira (CNS30477)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *sepulturas*.

Numa zona aplanada, junto ao Monte da Dacoreira e à Ribeira de S. Brissos, encontra-se, a aflorar à superfície um conjunto de lajes de granito, com orientação N/S, que aparentam formar sepulturas. Uma das sepulturas parece ter ainda tampa.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

17. Habitat da Dacoreira

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *habitat*.

Numa vasta área, com bom domínio visual, registou-se a presença de cerâmica de construção (*tegulae*) e cerâmica comum.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

18. Adro da Nossa Senhora do Bispo (CNS 5098)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *inscrição*.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758¹⁰, esta lápide provém do interior da antiga cerca amuralhada. Túlio Espanca refere que esta terá sido transportada de Mértola para Montemor-o-Novo, por D. Martinho de Mascarenhas, no século XVII (ESPANCA, 1975). Foi colocada na parede da Igreja de Santa Maria do Bispo, tendo sido mais tarde transferida para a localização atual.

*D(iis) . M(anibus) . S(acrum)/MEMORIAE . C(larissimae). F(eminae).
CALCHISIAE .FLAM(imicae). /PROV(inciae) . LVSIT(aniae)/II(iterum) . FIL(iae) .
PIISSIM(ae) . ET . MAR(iae). L(uccii). F(iliae) . /SIDONIAE. NEPT(i) .
DULC(i)S(simae) . ET . APON (io) . LV/PIANO . Mar(ito) . Merent(i) . FABRIC(am) .
QVA(m) . MISER(a) . MA/TER . . IVN(ia) . LEONICA . KARIS . SVIS . ET . SIBI.*

10

http://portugal1758.di.uevora.pt/index.php/component/customproperties/?cp_concelhofreguesia=montemormatriz&submit_search=Pesquisar&start=20

19. Montemor-o-Novo (CNS 2700)

Está classificado como *inscrição*. É uma inscrição do séc. V ou VI em que se lê: (SI) SESNANDUS. (P.P.b).

Não existe informação disponível sobre a localização exata desta inscrição. Pode existir confusão com o registo anterior. Fonte: Endovélico/ DGPC

20. Marco Miliário do Monte da Venda

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *marco miliário*.

“No topo norte do edifício encontram-se dois fragmentos de marco miliário anepígrafo.” (BILOU, 2000:10)

Segundo Francisco Bilou, em toda a envolvente do monte pode-se encontrar materiais de construção, *tegulae* e *imbrices*, assim como cerâmica comum e escória (BILOU, 2000).

21. Marco Miliário de São Brissos (CNS 30474)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *marco miliário*.

Junto da igreja de São Brissos, numa das extremidades do edifício, encontra-se o que resta de um marco miliário, aparentemente anepígrafo.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

22. Monges (CNS 1481)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *mina*.

Trata-se de uma mina aparentemente explorada durante o período romano; apresenta galerias estreitas, tendo sido encontrado uma lucerna, numa delas. No poço que comunica com a galeria foram encontradas quatro ânforas, assim como três machados de pedra polida. Na área existem mais minas com galerias a céu aberto assim como escombreciras.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

23. São Brissos (CNS 3820)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *sepultura*.

Foi encontrada uma sepultura, uma lucerna e fragmentos de cerâmica. Durante os trabalhos da *Carta Arqueológica de Montemor-o-Novo*, já não se conseguiu relocalizar (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

24. São Brissos 2 (CNS 30481)

Localiza-se na freguesia de Santiago do Escoural, está classificado como *vestígios diversos*.

Nas traseiras da Escola Primária de São Brissos, junto à igreja, regista-se a presença de inúmeros fragmentos de material de construção (tegulae e *imbrices*); em

toda a encosta envolvente à igreja e à escola, continua a registar-se a presença de cerâmica rolada assim como escória.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

25. Moita do Gato (CNS 30500)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *povoado*.

Monte com bom domínio visual onde se registou uma estrutura circular e outras estruturas bastante destruídas a aflorar. Também se registou a presença de alguns materiais de construção de época romana.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção, no âmbito do projeto *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

26. Herdade da Ribeira (CNS 3607)

Localiza-se no concelho de Montemor-o-Novo, está classificado como *achados isolados*.

Nesta herdade foi encontrada uma medalha do Imperador Teodósio. Fonte: Endovélico/DGPC

27. Habitat do Montinho 1 (CNS 26528)

Localiza-se na freguesia do Ciborro, está classificado como *habitat*.

Situa-se numa área aberta, num cabeço suave sobre a Ribeira de Lavre. No local foram identificados materiais do período romano e medieval – cerâmica de construção, incluindo *tegulae* e cerâmica comum.

Foram realizados trabalhos de prospecção no ano de 2004 no âmbito de projeto *PNTA/2002 - Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central*, por Leonor Rocha (ROCHA, 2005).

28. Vila do Monte das Paredes

Localiza-se nos limites dos concelhos de Montemor-o-Novo e Évora; na zona de Montemor-o-Novo encontra-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, está classificado como *villa*.

Trata-se de uma vasta área com dispersão de materiais de construção, tal como pedras, silhares, tijolos, *tegulae*, mas também cerâmica comum, fragmentos de *terra sigillata* e uma asa de ânfora. Numa pequena represa de água regista-se a presença de tecelas, com várias cores. Também apresenta algumas estruturas bem conservadas e outras a aflorar no chão, onde se destaca uma parede com cerca de cinco metros de altura, uma possível estrutura de água de forma quadrangular, revestida a *opus* no seu interior com um estrutura de meia cana, e uma outra de forma quadrangular que aparenta ser um pequeno templete (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

29. Monte dos Alfundões (CNS 30629)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *casal*.

Situa-se num cabeço com bom domínio visual, onde surgem grandes afloramentos, detectou-se uma grande dispersão de materiais de época romana, cerâmica de construção, incluindo *tegulae* e cerâmica comum.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

30. Santa Margarida (CNS 30627)

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora da Vila, e está classificado como *casal rústico*.

Situa-se numa área de olival, junto a um monte abandonado. Na barreira do caminho rural foram registados materiais de construção, *imbrices*, *tegulae* e cerâmica comum. Junto ao monte parecem aflorar algumas estruturas e silhares a demarcar o átrio da casa.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

31. Courela do Gato 3 (CNS 30508)

Localiza-se na freguesia de São Cristóvão, está classificado como *vestígios dispersos*.

Situa-se numa encosta virada a Sul, para a Ribeira de São Cristóvão. Foi detectada uma zona de dispersão de escória de metal, fundo de uma ânfora, *tegulae* e material de construção; nas imediações, também se encontrou material pré-histórico - um furador e uma lasca lamelar em sílex.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

32. Freixo do Meio 20

Localiza-se na freguesia de Foros de Vale Figueira, está classificado como *mancha de ocupação*.

Na encosta virada a Este, próximo do monte do Freixo de Cima, registou-se alguma cerâmica de construção e comum, bastante rolada. Um dos fragmentos aparenta ser *tegulae*, apesar de estar bastante rolado.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

33. Moinho da Rosenta

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *vestígios dispersos*.

Situa-se na encosta virada a SE, junto à ribeira de Canha. Foram identificados à superfície alguma cerâmica rolada e um peso de cerâmica.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

34. Igreja de Santa Comba

Localiza-se na freguesia de Lavre, está classificado como *vestígios dispersos*.

Segundo Túlio Espanca localizar-se-ia aqui a antiga igreja de Santa Comba (ESPANCA, 1975).

Situa-se num ligeiro cabeço, junto à Ribeira de Lavre. No local foram identificados à superfície, a presença de cerâmica de construção (*tegulae* e *imbrices*), *opus signinum*, algumas pedras, tijolos e cerâmica comum moderna.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

35. Casas de Baixo 1

Localiza-se na freguesia de São Cristóvão, está registado como *povoado*.

Situa-se num cabeço com bom domínio visual, em que se regista a presença de pedras pequenas e de média dimensão. Detectou-se uma possível estrutura circular, assim como a presença de cerâmica de construção, *imbrices* e *tegulae*.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do *trabalho Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

36. Casas de Baixo 4

Localiza-se na freguesia de São Cristóvão, está classificado como *povoado*.

Numa encosta virada a Noroeste, existe uma vasta área de dispersão de materiais, fragmentos de cerâmica comum, cerâmica de construção, *tegulae* e *imbrices*, assim como escória. Também se identificaram restos de algumas estruturas.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do *trabalho Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

37. Safira

Localiza-se na freguesia de Safira, está classificado como *achados dispersos*.

A cerca de 300 metros da Igreja, na estrada em direcção ao Monte das Veladas, foram identificados vestígios dispersos de escória e de cerâmica, provavelmente de época romana.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

38. Monte dos Cordeiros

Localiza-se na freguesia de Silveiras, está classificado como *habitat*.

Perto de uma anta, numa suave elevação com abundantes pedras de pequeno e médio calibre, delimitado por uma linha de água foram encontrados vestígios cerâmicos, fragmentos de cerâmica comum, cerâmica cordada, cerâmica de construção, um fundo em cerâmica, um possível peso e fragmentos de escória.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

39. Adua

Localiza-se na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, está classificado como *habitat*.

Situa-se no topo de um cabeço, com um relevo suave, junto a uma linha de água. Foi identificado à superfície a presença de abundante cerâmica comum e de cerâmica de construção, assim como *tegulae*, tijolo de quadrante, um peso de tear e um fragmento de cerâmica cordada.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

40. Quinta do Gato

Localiza-se na freguesia de São Cristóvão, está classificado como *habitat*.

Situa-se numa zona de grandes afloramentos. Foram identificados alguns materiais de época romana, *tegulae*, escória.

Em 2007, foram realizados trabalhos de prospeção no âmbito do trabalho *Carta Arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*, por Mário Pinto (PINTO, HENRIQUES e PEREIRA, 2008).

41. Monte dos Valenças/ Curral do Castelo (CNS 26527)

Localiza-se na freguesia do Ciborro e está classificado como *habitat*.

O sítio do Curral do Castelo foi identificado por Manuel Heleno e posteriormente realocado por Leonor Rocha (ROCHA, 2004).

Apresenta materiais de construção (restos de construção - paredes) e cerâmica comum romana, concentrada numa pequena área; junto foi construída uma represa.

42. Curral dos Cães

Localiza-se na Herdade da Comenda da Igreja.

O sítio Curral dos Cães foi descoberto no decurso de trabalhos agrícolas que colocaram a descoberto um alinhamento de pedras e que conduziu à realização de uma intervenção arqueológica por parte de Afonso do Paço e João de Lemos. Durante a escavação foram identificados restos de uma estrutura habitacional que apresentava várias dependências e uma “habitação isolada” que se encontrava a leste de “ um caminho velho” (PAÇO e LEMOS, 1962 a).

A descrição das estruturas é realizada por compartimento não obstante todas integrem a mesma estrutura habitacional. Dentro destas, as descrições foram realizadas em função das camadas arqueológicas e dos materiais aí encontrados.

A dependência nº1 “ continha à superfície como em todas as outras, uma camada que os trabalhos agrícolas iam removendo e apresentavam aqui e além fragmentos de telha, tijolo e grandes dólios” (IDEM, IBIDEM: 6). A camada seguinte com “ menor espessura, uns 10 cm a 15 cm, em que eram abundantes os fragmentos de telha curva, que estavam no seu próprio lugar desde a derrocada da cobertura da casa” (IDEM, IBIDEM: 6) - segundo os autores esta camada não havia sido atingida pelos trabalhos agrícolas. Esta segunda camada cobriria “ um outro nível, nitidamente romano, não muito rico” (IDEM, IBIDEM: 7), que não deixa dúvidas sobre o período cronológico a que pertencia aquela divisão, uma vez que continha igualmente fragmentos de “ tegulae, de sigillata tardia com desenhos, recipientes de vidro e de barro, bem como escória de fundição de ferro” (IDEM, IBIDEM: 7).

Sobre a segunda divisão da habitação referem que se trataria do compartimento de maiores dimensões, o qual apresentava, na segunda camada, vestígios de uma possível derrocada da habitação visto que para além das telhas curvas eram visíveis sinais de um incêndio. Segundo estes investigadores os materiais recolhidos eram semelhantes aos anteriores tendo como novidade uma moeda em bronze. Para além dos

materiais foi identificada no meio desta dependência “ (...) um retângulo de pedras espetadas verticalmente contendo ainda umas fiadas de tijolões, ao lado havia um pote de barro de forma arredondada, muito partido (...)”(IDEM, IBIDEM: 8). Aparentemente esta divisão seria “(...) uma espécie de cozinha que teria sido pavimentado” (IDEM, IBIDEM: 8). Também “as dependências nº3 e nº4, separados por uma parede mais estreita que as laterais”, têm um espólio muito semelhante. Mais uma vez a segunda camada apresenta “ telhas queimadas e fragmentos de carvão de madeira” (IDEM, IBIDEM: 9).

Em termos de materiais, este compartimento parece ser análogo aos anteriores, tendo-se apenas realçado a identificação de uma *tegulae* que apresentava a “ impressão da pata de um animal, presumivelmente um cão” (IDEM, IBIDEM: 9). Para além disso também foram encontrados fragmentos de escória, e foram recolhidas moedas em bronze.

A dependência nº 5 não se encontrava tão completa como as anteriores, uma vez que segundo A. Paço e J. Lemos, parte das paredes Norte e Oeste parecem ter sido destruídas por um caminho antigo, que passou por cima (IDEM, IBIDEM: 10). Em termos de materiais esta parece ser a área da casa mais rica, tendo sido aqui encontrados, “ duas dezenas de moedas junto aos alicerces, escória de fundição, fragmentos de cobre, e de ferro, havia duas armelas de bronze e respectiva asa de suspensão” (IDEM, IBIDEM: 10). Foram também recolhidos fragmentos de cerâmica e um cossoiro.

A última dependência a ser descrita é a nº 6, a mais afastada e sem ligação aparente com as anteriores. No entanto, em termos de materiais, também nesta foram recolhidas cerca de “dezena e meia de moedas, fragmentos de recipientes grosseiros, de

vidro e de sigillata com desenhos”, assim como “cerâmica fina e acinzentada” (IDEM, IBIDEM: 10).

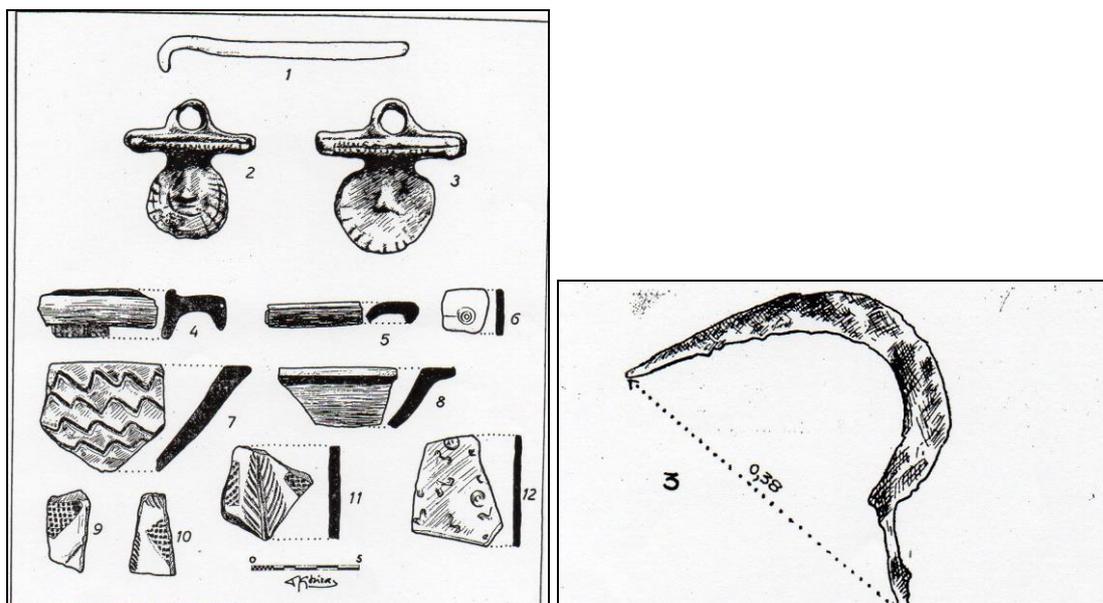


Figura 11. Espólio do Curral dos Cães (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962 a).

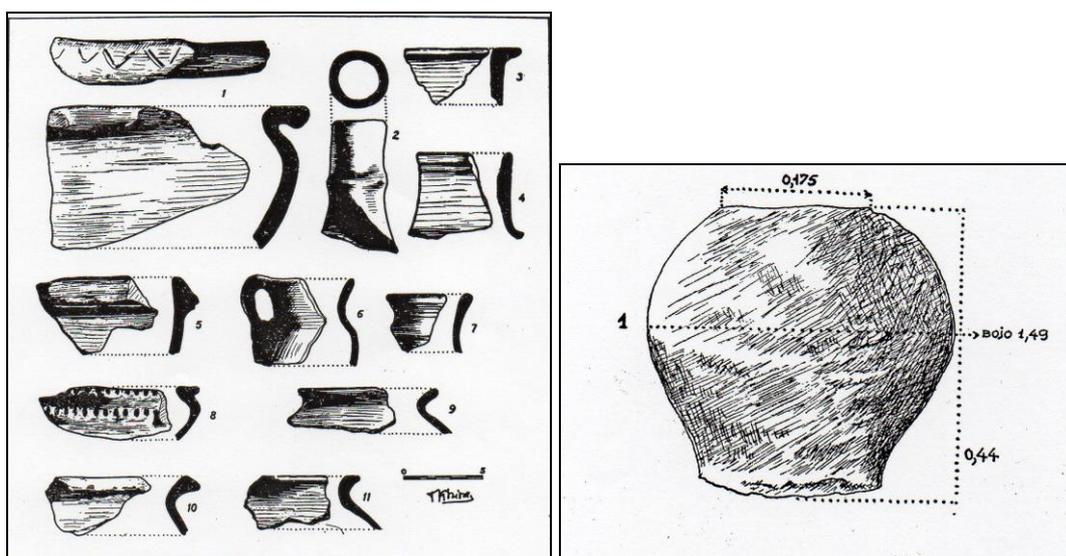


Figura 12. Espólio do Curral dos Cães (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962 a).

43. Cabeço da Fonte Santa

O Cabeço da Fonte Santa localiza-se a sudoeste do Curral dos Cães, num pequeno cabeço na altura com olival velho. Os trabalhos agrícolas colocaram a

descoberto “ uma dependência rectangular com cerca de 13 metros de comprimento por 6,30 metros de largura e com uma porta voltada para leste.” (PAÇO e LEMOS, 1962a: 11). Esta estrutura foi dividida pelos autores em divisão A e B, tendo-se aparentemente registado poucos materiais arqueológicos. Na divisão A foram identificados “ alguns fragmentos de telha pós-romana e parte de uma mó manual de granito. Na divisória B não foram recolhidos quaisquer fragmentos cerâmicos. Foram detectados vestígios de um pavimento constituído por pedras irregulares” (IDEM, IBIDEM: 12).

Segundo os autores esta estrutura deveria ser uma estrutura de apoio agrícola para recolha de gado ou armazenamento de materiais.

44. Cabeço do Ceivo ou Cabeço dos Descanso

O sítio localiza-se na Herdade da Comendinha, numa pequena elevação conhecido por Cabeço do Ceivo ou Cabeço dos Descanso. À semelhança do que aconteceu no Cabeço da Fonte Santa foram os trabalhos agrícolas que conduziram à identificação de uma estrutura (alinhamento de pedras que pareciam constituir restos de muros/ ruínas de habitações) e à realização de trabalhos de escavação por parte de Afonso do Paço e João de Lemos (PAÇO e LEMOS, 1962a), para contextualização e melhor compreensão das mesmas.

A estrutura apresentava duas divisões que foram classificadas de A e B. Na primeira estrutura (A), foram identificadas quatro dependências. A primeira apresentava uma “ camada inferior de abundantes fragmentos de telha curva, dispostos horizontalmente como em telhado que abatera” (IDEM, IBIDEM: 14). Por baixo foi encontrada uma “ foicinha de ferro”. A segunda era apenas um pequeno recanto que tinha ligação com o conjunto anterior, “ Um pequeno recinto de pedras dispostas em

cutelo continha no interior terras finas” (IDEM, IBIDEM: 14) foi aí encontrada uma moeda do Imperador Honório. A terceira dependência, era a maior e encontrava-se separada da segunda “ por um corredor, que bem podia ter sido um caminho de entrada” (IDEM, IBIDEM: 14). Segundo os autores as paredes desta dependência encontravam-se muito destruídas. Em termos de espólio, foram encontrados fragmentos de um grande dólio e uma peça idêntica à que havia sido recolhida no Curral dos Cães, na dependência nº 2. Também foi recolhido junto deste dólio “ um bloco de âmbar amarelo, em bruto, com o peso de 150 gramas” (IDEM, IBIDEM: 14).

A quarta encontrava-se dentro da anterior, sendo apenas um recanto com uma espécie de poial, “ encontrava-se ligeiramente mais elevado” (IDEM, IBIDEM: 15) e estava forrada com restos de dólios e de telhas.

O conjunto B localizava-se 15 metros a Leste do A. Este conjunto apresentava quatro divisões que foram numeradas pelos autores do número cinco ao número oito.

A dependência nº 5 era das maiores, ocupando “toda a frente da casa, certamente voltada a Leste, com uma extensão de 14,30 cm. Provida de quatro aberturas, três comunicam com o exterior e uma com o interior do edifício.” (IDEM, IBIDEM: 15)

A dependência nº 6 era apenas “um minúsculo cubículo que ocupa um dos cantos da divisão anterior” (IDEM, IBIDEM: 15). Nesta divisão foram encontrados restos de *tegulae*, um fundo de ânfora e “recipientes de tipo romano” (IDEM, IBIDEM: 15).

A dependência nº 7 apresentava “ vestígios de uma porta de comunicação para uma espécie de corredor que separaria da oitava dependência de todas estas a mais arruinada” (IDEM, IBIDEM: 15). Estas duas estruturas, mais uma vez, encontravam-se

bastante destruídas provavelmente devido aos trabalhos agrícolas, o espólio não era muito rico, sobretudo se comparado com o do Curral dos Cães.

6. Análise dos sítios de época romana

6.1. *Implantações*

A localização do atual Montemor-o-Novo, em termos hidrográficos e geológicos, condicionou a forma como se desenvolveu o povoamento ao longo dos tempos. De facto, a análise da distribuição dos sítios de época romana pelas bacias hidrográficas do Tejo e do Sado, permite desde logo verificar que existe uma maior concentração de sítios dentro dos limites do Tejo em comparação aos que se situam já na bacia do Sado.

Neste território existem bastantes linhas de água, mas nenhuma dessas é uma linha de água de primeira grandeza, na sua maioria são subafluentes onde se concentram a maior parte dos sítios de cronologia romana; apenas seis sítios se encontram perto de afluentes.

O seu posicionamento em relação à altitude média do mar é muito homogénea, estando a maioria dos sítios romanos conhecidos situados entre os 200m e os 300m acima do nível do mar; apenas dois que ultrapassam os 350m e um, os 400m acima do nível do mar, que são o povoado do fortificado Alto do Castelinho da Serra e a Mina dos Monges (cf. Tabela 1 e Gráfico 1).

	Nº Sítios
100 – 149	3
150 – 199	8
200 – 249	18
250 – 299	31
300 – 349	3
350 – 399	2
400 – 449	1

Tabela 1. Número de sítios por intervalos/cotas (50m cada)

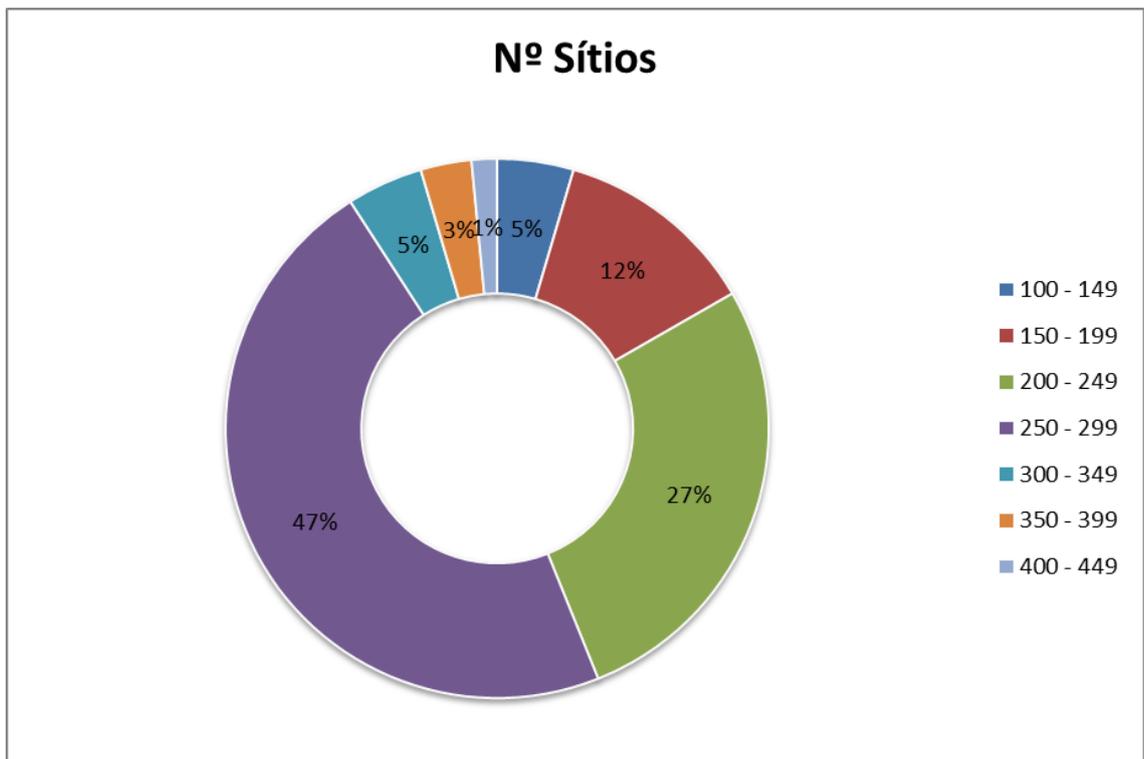


Gráfico 1. Percentagem de sítios por classe (50m cada)

Em relação à distribuição de sítios em termos de capacidade de uso do solo, encontramos uma grande disparidade dentro do concelho, existindo, no entanto, uma maior concentração dentro das áreas com maior capacidade agrícola. Nesta vasta dispersão podemos assim observar duas realidades, entre os solos de Classe C, que são solos de utilização agrícola, mas que apresentam limitações acentuadas, e as de classes A ou B+C, que se encontram dentro da área dos solos complexos; encontramos também três sítios que se encontram dentro da área dos solos de classe B.

6.2. Estruturas

Como se pode verificar na descrição dos sítios (Capítulo 5), poucos foram os intervencionados e, dentro destes, nem em todos se identificaram estruturas. Por outro lado, a informação disponível é também díspar uma vez que os sítios em análise foram intervencionadas em dois períodos diferenciados: os primeiros no início dos anos 60 do século XX, por Afonso do Paço e João de Lemos (PAÇO e LEMOS, 1962), e os mais recentes durante a construção da Barragem dos Minutos, na primeira década do século XXI. Este hiato temporal tem, naturalmente, implicações no tipo de informação existente.

No início dos anos 60 do século XX Afonso do Paço e João de Lemos intervencionaram dois sítios de época romana nas herdades da Comenda de Igreja, o Curral dos Cães e o Cabeço da Fonte Santa, e na herdade da Comendinha, o Cabeço do Ceivo ou Cabeço do Descanso.

Os sítios do Curral dos Cães e Cabeço do Ceivo foram, aparentemente, escavadas de forma integral mas apesar das descrições feitas pelos autores e dos

desenhos realizados das estruturas (Fig. 13) não se chegou a determinar qual seria a sua real utilização.

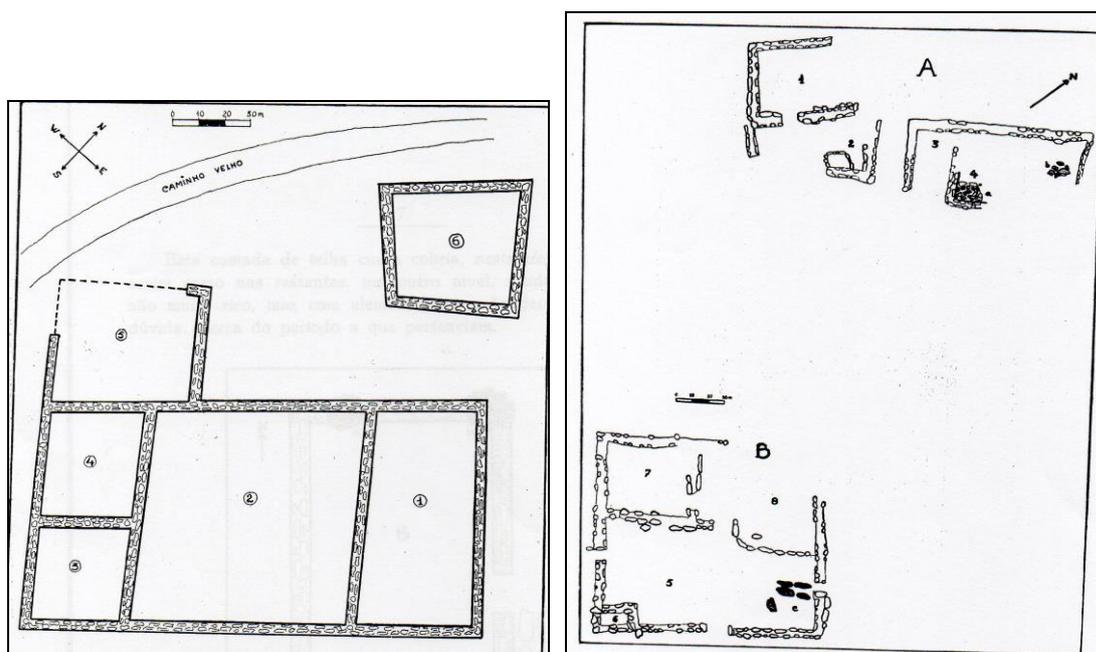


Figura 13. Planta do Curral dos Cães e Cabeço do Ceivo, respetivamente (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962)

Da análise que podemos realizar, com base nestas descrições e plantas existentes, parece-nos estar na presença de pequenos casais agrícolas, com funções habitacionais e agrícolas. As pequenas estruturas identificadas em algumas das divisões parecem representar locais de armazenamento de cereais, água, vinho ou mesmo azeite. Na realidade, este tipo de estruturas manteve-se na maior parte dos pequenos montes alentejanos até ao século passado.

Não deixa ainda de ser interessante o próprio topónimo “Ceivo” deste último sítio. Segundo os autores “o vocábulo Ceivo significa mudança de animais, e o facto de ficar ao lado de um velho caminho outrora denominado Estrada dos Almocreves, e mais tarde estrada dos Alemães, e ainda lhe chamar Cabeço do Descanso, traz na mente das populações a crença de que o local, em tempos mais antigos, estaria provido de uma

espécie de estalagem, servindo ao mesmo tempo para a mudança de animais ou repouso depois de uma fatigante jornada ” (PAÇO e LEMOS, 1962a:13)

O Cabeço da Fonte Santa, pela descrição e planta apresentada “uma dependência rectangular com cerca de 13 metros de comprimento por 6,30 metros de largura e com uma porta voltada para leste.” (PAÇO e LEMOS, 1962a: 11), parece corresponder sobretudo a uma área de armazém.

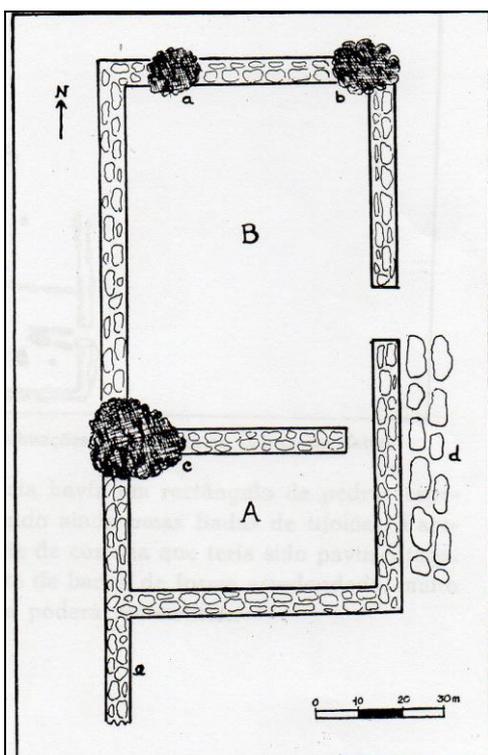


Figura 14. Planta da Fonte Santa (sgd. PAÇO e LEMOS, 1962a)

Esta estrutura, dividida em divisão A e B, continha aparentemente escasso espólio, apenas cerâmica de construção e fragmento de uma mó manual.

Os três sítios intervencionados na Barragem dos Minutos onde se identificaram estruturas, Minutos 6 e Minutos 11, parecem remeter para estruturas e contextos similares aos intervencionados no séc. XX, com casas alongadas aparentemente com apenas duas divisões (Fig. 15).

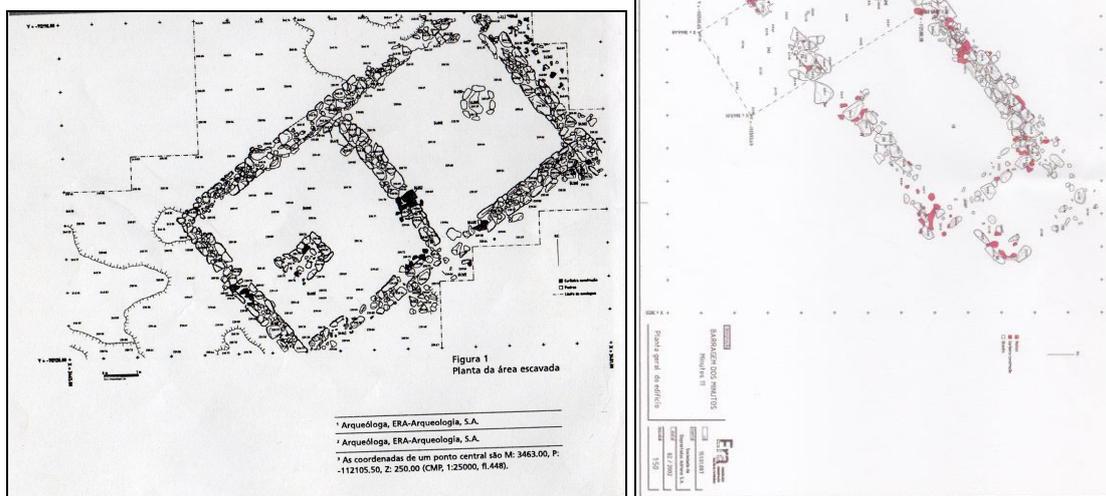


Figura 15. Planta de Minutos 6 e 11, respetivamente (sgd. BRAZUNA, 2003 e SILVA, 2002)

Amoreirinha 8, por outro lado, parece apresentar maior dispersão, não só nos materiais à superfície, mas também a nível das estruturas. De facto, como se referiu anteriormente, foram realizadas 6 sondagens (Fig. 16) e, em todas elas, se identificaram restos de estruturas – com resultados pouco esclarecedores sobre a sua funcionalidade (SILVA, 2004).

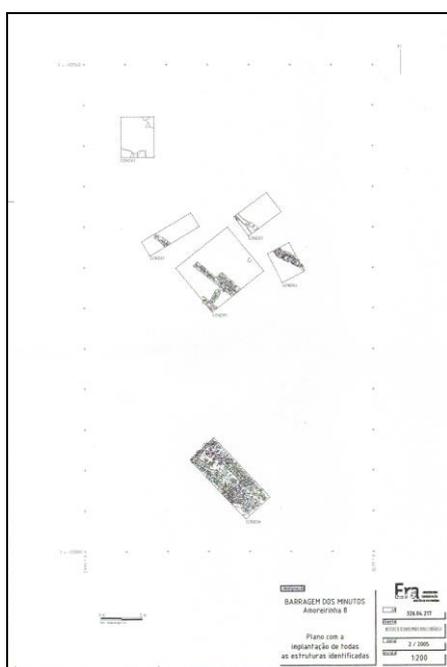


Figura 16. Planta da Amoreirinha 8 (sgd. SILVA, 2004)

6.3. *Espólios*

Em relação aos espólios do período romano recolhidos no concelho de Montemor-o-Novo podemos considerar distintas situações:

- 1) Espólios provenientes de escavações e/ou recolhas antigas. Nestes casos tivemos sérias dificuldades e constrangimentos em localizar o seu local de depósito. Nuns casos não se referencia, noutros a informação é bastante lacónica, noutros foi depositado no Museu Nacional de Arqueologia – devido aos limites temporais definidos para esta dissertação não me foi possível verificar este espólio;
- 2) Espólios provenientes de recolhas de superfície (trabalhos de prospeção). Este material encontra-se depositado na Câmara Municipal de Montemor-o-Novo ou no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo. No entanto, como se pode verificar na descrição de sítios (capítulo 5), trata-se de espólio que, pelas suas características, não aporta grandes contributos para o conhecimento do povoamento rural romano;
- 3) Espólios provenientes das escavações realizadas no âmbito da Barragem dos Minutos. O conjunto de contentores com os materiais recolhidos neste trabalho foram depositados no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo. Infelizmente, as condições de depósito não permitiram realizar uma análise pormenorizada uma vez que os contentores se encontram reunidos num vão de escada (Ver Fotos) e não existe nenhuma sala de apoio ao investigador. Assim sendo, na visita realizada ao local, apenas foi possível abrir os sacos e verificar o seu conteúdo.

Face aos constrangimentos anteriormente apontados, nomeadamente os pontos 1 e 3, optou-se por realizar uma análise sumária dos materiais recolhidos na escavação da Necrópole Tardo-Romana da Senhora da Fonte 7, depositado no Museu de Arqueologia de Montemor – o – Novo. Mais uma vez me deparei com algumas dificuldades uma vez que para um estudo mais exaustivo teria de possuir um espaço adequado para o seu manuseamento, que não existe no referido Museu. Optei assim por ir verificando os conteúdos de cada um dos contentores – maioritariamente com cerâmica de construção, ou então com pequenos fragmentos de cerâmica – e tentar realizar uma descrição do espólio mais significativo.

Como referi anteriormente, a escolha de Fonte da Senhora 7, como exemplo do espólio existente, baseou-se no fato de apresentar peças cerâmicas com mais formas completas (naturalmente por se tratar de um contexto de necrópole), o que nos pode dar uma ideia da tipologia de recipientes cerâmicos que podemos encontrar na região em época Tardo – romana.

O sítio foi intervencionado no ano de 2001, pela empresa Era Arqueologia, com a coordenação técnico-científica de Ana Jorge (Jorge, 2001) tendo sido identificadas 15 sepulturas, com espólios muito variados, desde cerâmica comum, *terra sigillata* de imitação ou tardia, lucernas, recipientes em vidro (3) e alguns objetos metálicos, pregos e tachas.

Para esta análise foram escolhidas as cerâmicas comuns, pois eram as que se encontravam em melhor estado de conservação, sendo visível que algumas foram reconstruídas. Na sua maioria são bilhas, jarros, taças e púcaros com asas, apesar de alguns já não apresentarem esses elementos. Por norma não apresentam qualquer tipo de elementos decorativos.



Figura 17. Aspeto da localização dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu



Figura 18. Aspeto da localização dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu.



Figura 19. Aspeto dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu



Figura 20. Pormenor de um dos contentores com materiais da Barragem dos Minutos, no Museu

6.3.1. Fichas de peças

Nº de Sepultura	11
Nº de Inventário	258
Designação	Bilha
Datação	Tardo-romana
Suporte	Cerâmica
U.E	83
Data	29/6/2001
Dimensões	
Altura	17,5cm
Diâmetro da base	12,3cm
Diâmetro do bordo	3,6cm
Diâmetro do bojo	14,3cm
Descrição: Bilha de cerâmica comum, com bordo vertical e bojo ovoide, com asa; base plana e circular. Tem uma fratura no bojo mas encontra-se colada.	
Foto	

Nº de Sepultura	8
Nº de Inventário	79
Designação	Jarro/Bilha
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	77
Data	-
Dimensões	
Altura	15,5cm
Diâmetro da base	7,5cm
Diâmetro do bordo	-
Diâmetro do bojo	13,3cm
Descrição: Jarro/bilha de cerâmica comum, sem bordo pois este encontra-se fragmentado, tem bojo ovoide, base plana e circular, possui várias fracturas mas encontram-se todas coladas, na parte exterior apresenta marcas de fogo.	
Foto	

Nº de Sepultura	10
Nº de Inventário	117
Designação	Pote
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	80
Data	-
Dimensões	
Altura	13,2cm
Diâmetro da base	6,8cm
Diâmetro do bordo	12,9cm
Diâmetro do bojo	16,6cm

Descrição: Vaso cerâmico (pote), de cerâmica comum, com o bordo extrovertido, base ligeiramente conexa e circular, encontra-se com várias fracturas no corpo coladas mas apresenta algumas falhas, o bordo apresenta marcas de fogo no exterior e no interior.

Foto:



Nº de Sepultura	9
Nº de Inventário	86
Designação	Bilha
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	66
Data	-
Dimensões	
Altura	15cm
Diâmetro da base	13,2cm
Diâmetro do bordo	4,1cm
Diâmetro do bojo	16,7cm

Descrição: Bilha de cerâmica, com bordo vertical, base plana e circular, bojo carnado, o corpo encontra-se fragmentado mas devidamente colado, o bordo também se encontra fragmentado.

Foto:



Nº de Sepultura	6
Nº de Inventário	5
Designação	Jarro de Cerâmica
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	26
Data	-
Dimensões	
Altura	12,2cm
Diâmetro da base	6,2cm
Diâmetro do bordo	10,6cm
Diâmetro do bojo	13,2cm

Descrição: Jarro de cerâmica, com base plana e circular, bojo ovoide, bordo com bico vertedor, apresenta uma asa na lateral, o corpo encontra-se fragmentado mas devidamente colado, apresenta marcas de fogo no interior e no exterior.

Foto:



Nº de Sepultura	Não identificada
Nº de Inventário	10
Designação	Taça
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	26
Data	-
Dimensões	
Altura	7cm
Diâmetro da base	8cm
Bordo exterior	25,5cm
Bordo interior	20,4cm

Descrição: Taça de cerâmica, com a parede oblíqua quase recta e carenada perto do bordo, asa alongada e levemente descaída, base ligeiramente circular; o corpo apresenta-se fragmentado mas devidamente colado, só têm metade do bordo.

Foto:



Nº de Sepultura	13
Nº de Inventário	338
Designação	Púcaro com duas asas
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	96
Data	-
Dimensões	
Altura	9cm
Diâmetro da base	4,7cm
Diâmetro do bordo	9,2cm
Diâmetro do bojo	9,7cm

Descrição: Púcaro com duas asas em cerâmica, base côncava, bordo espessado no exterior, bojo ovóide. Apresenta sinais de fogo no exterior; corpo apresenta fraturas mas devidamente coladas, têm apenas dias falhas.

Foto:



Nº de Sepultura	14
Nº de Inventário	343
Designação	Púcaro
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	95
Data	-
Dimensões	
Altura	9,1cm
Diâmetro da base	4,9cm
Diâmetro do bordo	7,6cm
Diâmetro do bojo	9cm

Descrição: Púcaro em cerâmica que apresenta dois arranques de asas, o que faz supor a existência de duas asas; o bordo é espessado no exterior, com bojo ovoide; base plana e circular.

Foto:



Nº Sepultura	15
Nº Inventário	346
Designação	Púcaro
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E	97
Data	-
Dimensões	
Altura	9cm
Diâmetro da base	3.6cm
Diâmetro do bordo	7,6cm
Diâmetro do bojo	8,9cm

Descrição: Recipiente cerâmico (púcaro) com duas asas, de cerâmica-comum, bordo extrovertido, bojo ovoide, base côncava.

Foto:



Nº Sepultura	15
Nº Inventário	347
Designação	Púcaro
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E.	97
Data	-
Dimensões	
Altura	9,3cm
Diâmetro da base	4,2cm
Diâmetro do bordo	7,9cm
Diâmetro do bojo	9,3cm

Descrição: Púcaro em cerâmica com duas asas – conserva apenas uma - base plana e circular, bojo ovoide, bordo espessado no exterior.

Foto:



Nº Sepultura	11
Nº Inventário	259
Designação	Taça
Datação	Tardo-romano
Suporte	Cerâmica
U.E.	83
Data	-
Dimensões	
Altura	4,6cm
Diâmetro da base	7,3cm
Diâmetro do bordo	13,2cm
Diâmetro de bojo	-

Descrição: Taça de cerâmica, com base plana e circular e bordo espessado.

Foto:



7. Os dados e os factos no Alentejo

Ao longo dos tempos têm sido identificados alguns pequenos sítios de época romana no Alentejo, que não apenas as famosas villae. Nas duas últimas décadas, graças quer aos Estudos de Impacte Ambiental, quer às medidas de minimização a eles associadas, foi possível ampliar substancialmente os dados sobre o povoamento romano no Alentejo.

Duas das obras paradigmáticas foram, sem dúvida, as Barragens do Alqueva e da Barragem dos Minutos. As duas estavam projetadas há décadas, tiveram extensos trabalhos de arqueologia que incluíram para além da barragem outras obras associadas – rede de rega, albufeiras associadas, etc.

Durante as obras da Barragem do Alqueva foram identificados e intervencionados alguns sítios com características similares aos da Barragem dos Minutos, pequenos casais agrícolas. Entre estes, destaca-se pela sua importância no âmbito deste estudo e/ou por existir mais informação arqueológica disponível, o sítio de Monte da Julioa 24, que se encontra junto da nova aldeia da Luz, e que foi integralmente escavado, restaurado e se encontra visitável, não obstante o seu visível abandono.

O sítio foi inicialmente identificado durante trabalhos de prospeção e foi datado cronologicamente como sendo da Idade Moderna, só mais tarde, com a realização das primeiras sondagens foi possível verificar que se tratava de um sítio de época romana, devido ao aparecimento de “cerâmica comum de tipologia tipicamente romana” (CANHÃO, 2003:11).

O sítio foi intervencionado nos anos de 1998 e 1999¹¹, por Joaquim Carvalho e, face aos bons resultados obtidos (conservação do local), e como o sítio não iria ser submerso pela albufeira de Alqueva, optou-se por se proceder à sua musealização.

A intervenção permitiu identificar seis compartimentos, com duas áreas com funcionalidades distintas: a doméstica e a agrícola. A zona que foi considerada como doméstica, “ apresenta uma disposição em forma de L, possuindo um corpo rectilíneo formando quatro compartimentos, de forma aproximadamente quadrada” (IDEM, IBIDEM:117), edificados em momentos diferentes.

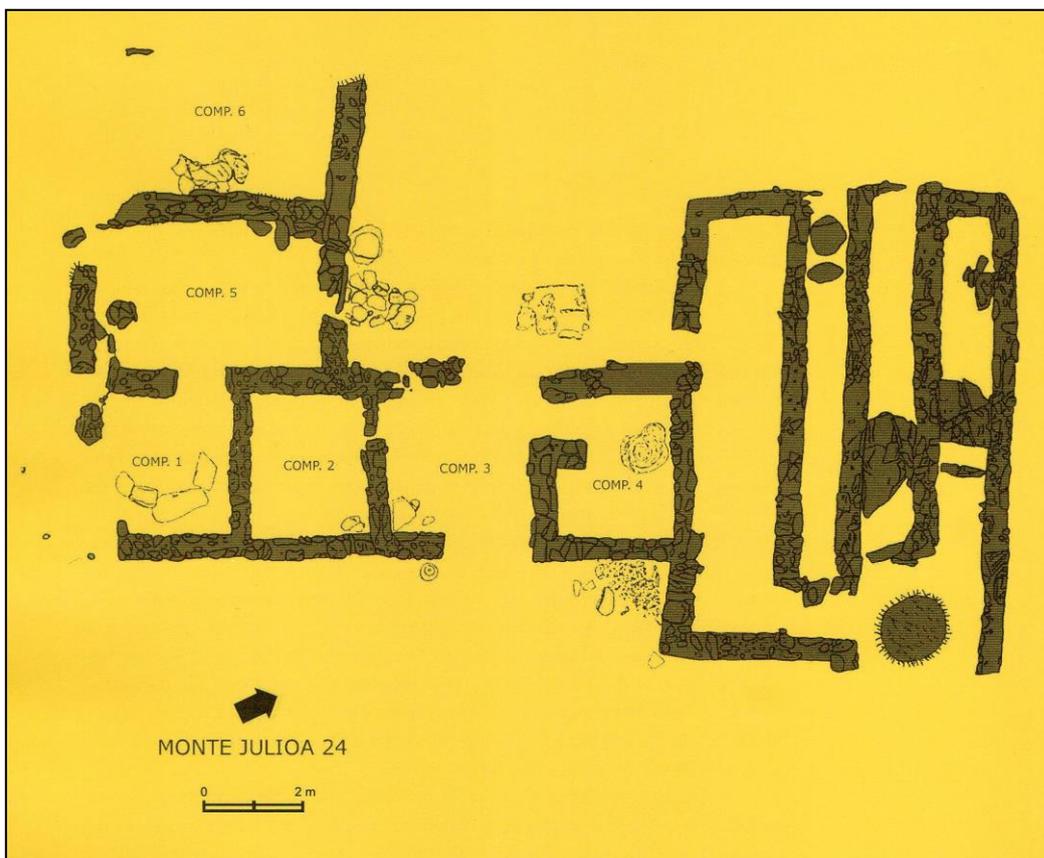


Figura 21. Planta final de Monte da Julioa 24 (sgd. V. CANHÃO, 2003)

Numa primeira fase teríamos apenas os compartimentos 1, 2, 3 e 4, com dimensões muito similares e de orientação NNO – SSE. O acesso à habitação deveria ser realizado através do compartimento 3 que se encontrava voltado para Este; a partir

¹¹ Estas são as datas que se encontram no Endovélico, apesar de no artigo se fazer referência a 1997 - 2000

deste compartimento ter-se-ia acesso ao compartimento 4 e ao compartimento 2. Segundo V. Canhão, não foi possível identificar o período cronológico em que foram construídos estes compartimentos, mas tudo aponta para o início do século II. Nesta fase não foram encontradas estruturas destinadas aos trabalhos agrícolas.

A segunda fase de ocupação da estrutura habitacional terá ocorrido durante o início do século III; esta fase não resulta do abandono da estrutura mas sim da sua contínua ocupação. A zona residencial sofreu uma ampliação e foi construída uma zona de dependências agrícolas. Dos antigos compartimentos apenas o compartimento 1 é remodelado, tendo-se construído os compartimentos 5 e 6.

Foi também construído um celeiro, que se localiza “a norte do compartimento 4”, numa parte mais elevada, assim como um forno que se encontrava “na função das fachadas da residência e do celeiro” (IDEM, IBIDEM: 128). A incorporação destes novos elementos conjugados com a ampliação da parte habitacional parece atestar alguma prosperidade económica.

Monte da Julioa 24 foi um dos poucos “casais” agrícolas romanos que foram integralmente escavados e estudado, tanto a nível de cronologia de ocupação como também das suas formas de construção. Apesar de, como referi inicialmente, o sítio se encontrar musealizado e aberto ao público, não existe nenhum painel informativo no local, pelo que apenas quem tenha lido alguma da bibliografia existente, percebe a sua funcionalidade e cronologia.

De acordo com os dados disponíveis, Monte da Julioa 24 não era um casal que se encontrava isolado, como podemos ver pela imagem (Fig. 18). Na área existem pelo menos mais cinco *habitats* e o Castelo da Lousa, que não se encontrava muito longe destes sítios e com quem deveria ter relações diretas.

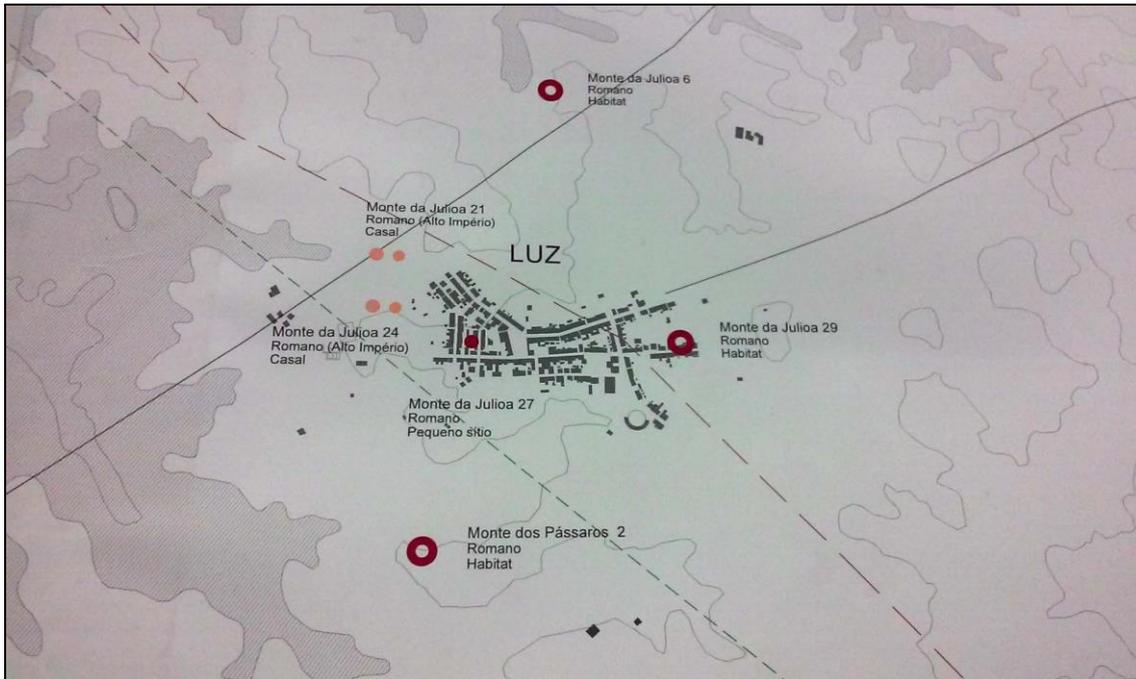


Figura 22. Localização de sítios romanos em torno da nova aldeia da Luz. Fonte: Museu da Luz

O Monte da Júlioa 21 foi classificado como casal rústico e apresentava restos de uma habitação e de “uma estrutura circular, onde foi possível recolher dois fragmentos de contas de colar, levantou-se a hipótese de se tratar de uma sepultura de incineração, e portanto de uma outra forma de ocupação do espaço”¹²

Monte da Júlioa 27 foi classificado como *casal rústico*, devido aos fragmentos de cerâmica recolhida à superfície. As escavações realizadas foram inconclusivas devido à escassa potência estratigráfica e grau de destruição do sítio.¹³

Ainda na área do regolfo do Alqueva, junto da ribeira do Álamo (afluente do Degebe), foram identificados e estudados outros pequenos sítios, entre 1998 e 2001. A Defesinha 16 localizava-se numa pequena elevação e ocupava uma área de cerca de 120m². Neste caso foi identificada uma habitação do período romano, constituída por três divisões, todas de planta retangular, com dimensões entre os 16m² e os 25m²,

¹² <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=57433>

¹³ <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=57465>

conservando algumas ainda o que seriam as entradas para as divisões, estruturas internas (lareira) e artefactos (mó). (FARIA, 2002)

Para além deste sítio, existe ainda um conjunto de outros núcleos que foram escavados, nomeadamente a Defesinha 4 (com dois núcleos) e a Defesinha 1 (com três núcleos). Este último, no núcleo 2, apresentava uma estrutura construtiva diferente, com a existência de um aparente recinto muralhado que protegeria uma habitação com cinco divisões. O espólio também apresentava maior diversidade o que parece atestar alguma riqueza por parte dos seus proprietários, este apresentava “fragmentos de paredes finas, *terra sigillata* itálica e sudgálica, fusaiolas, pesos de tear, ânforas, moeda e fíbulas em bronze” (IDEM, IBIDEM: 140). O núcleo 3, por seu lado, será provavelmente o sítio arqueológico que possui a maior área dos que foram intervencionados e que apresenta um maior número de divisões. De facto, enquanto os restantes sítios apresentavam até cinco divisões, este possui onze divisões, cada uma com uma função específica, numa área de 296m². Terá sido ocupado durante dois períodos distintos, o primeiro no decurso do século I d. C. e, o segundo, no século V d.C., o que faz com que o espólio encontrado seja bastante variado. (IDEM, IBIDEM).

Também os sítios da Duquesa 4, Cismeira 6, Cismeira 8 e Charnequinha foram, pelos resultados obtidos no decurso das intervenções arqueológicas realizadas, classificados como casais romanos – apresentam alguma variabilidade em termos de conservação de estruturas e de espólios.

8. Conclusão

Ao iniciar este trabalho várias questões surgiram sobre os casais rústicos romanos (ou casais agrícolas) e para as quais gostaria de ter obtido uma resposta:

- 1) Quem eram aqueles que aí viviam?
- 2) Teriam ou não alguma ligação com as famosas *villae*?
- 3) Eram auto-suficientes?
- 4) Qual a funcionalidade de cada uma das suas divisões?
- 5) Eram sítios independentes ou dependentes de outros?
- 6) Será que os trabalhos realizados até hoje conseguiam responder a estas questões ou pelo contrário iriam levantar ainda mais questões?!

A realidade anteriormente conhecida sobre a romanização nas áreas rurais começou por ser questionada com o aparecimento dos primeiros casais rústicos. Durante muito tempo se pensou que o mundo rural romano estava centrado nas luxuosas *villae*, e durante muito tempo pensou-se que estes casais rústicos teriam de estar dependentes ou seriam dependências das *villae*.

Não tendo a certeza se estavam ou não dependentes das *villae*, hoje tem-se alguma noção que os casais rústicos eram habitações modestas e que a sua economia assentava na agricultura e em alguns casos poderiam ser auto-suficientes. Apesar de apresentarem técnicas construtivas bastante simples – com material proveniente da área, sem argamassas – como na casa do Curral dos Cães, em que a base era de granito e as paredes feitas de adobe ou na zona do regolfo do Alqueva em que a base era em xisto.

Só um dos casais escavado na zona do regolfo do Alqueva apresentava paredes construídas com lajes de xisto e um recinto amuralhado (Defesinha 1, núcleo 2).

Em termos gerais, estes sítios nunca apresentam muito luxo, no que concerne a materiais de construção e de espólios. Aparentemente são também ocupados durante muito tempo com alterações e ampliações nas suas arquiteturas que testemunham também períodos de maior prosperidade económica – como o Monte da Julioa 24.

Em termos de materiais estes casais também demonstram alguma independência, bem como alguma prosperidade, encontrando-se por vezes cerâmicas de importação ou, como no caso do Curral dos Cães, onde foi encontrado um pedaço de âmbar.

Outra das questões que se levantava é sobre quem seriam os proprietários, ou melhor, quem vivia nesses casais rústicos. A melhor forma de se responder a essa questão seria de alguma forma encontrar os seus espaços de morte e fazer a ligação aos espaços de vida. No caso do Curral dos Cães, no mapa realizado pelos autores, fazem referência a sepulturas, das quais pouco ou nada sabe (PAÇO e LEMOS, 1062a). No caso da Barragem dos Minutos foi escavada uma necrópole a Fonte da Senhora 7 (Jorge, 2001). Neste caso, temos a situação inversa uma vez que não foi possível fazer qualquer ligação a um espaço de vida.

Outra forma de identificar quem habitava estes locais seria através de epígrafes, nelas saberíamos os seus nomes e por vezes o seu status social, o que também ainda não temos.

Assim sendo continuaremos na dúvida de quem seriam estes proprietários, se seriam autóctones, ou colonos que vinham de Roma, legionários que se acabariam por instalar quando terminavam a suas carreiras, ou então escravos que acabariam por ser libertos e teriam conseguido o seu pedaço de terra como forma de subsistir. Qualquer

destas hipóteses poderão ser correctas mas sem testemunhos materiais não passam de suposições.

Outra das grandes questões que se coloca sobre os casais rústicos é a sua dependência ou a sua independência das grandes *villae*. Este tipo de conclusão não será muito fácil de retirar perante a escassez de estudos sobre o povoamento rural romano no território e quando os próprios agrónomos clássicos não mencionam este tipo de povoamento.

Ao longo da elaboração deste trabalho deparei-me com opiniões de muitos autores, diferentes entre si, e que colocam muitas reticências em dar uma conclusão a esta temática. Provavelmente esta problemática ainda está numa fase embrionária, com estudos pouco conclusivos... mas não será difícil imaginar que podemos ter, em alguns casos, casais rústicos que dependiam das *villae*. Provavelmente, muitos deles poderiam ser auto-suficientes e conseguiam sobreviver com o seu próprio trabalho. Nesta grande questão podemos, talvez, contrapor com um olhar para as actuais herdades do Alentejo onde podemos constatar que, em algumas delas, existem pequenos montes em que a terra pertence a um só proprietário. No entanto este admite que existam pequenos agricultores que são auto-suficientes nas suas práticas agrícolas. Será que em época romana também seria assim? Será que os proprietários das grandes *villae* também arrendavam as suas terras a particulares para a prática de uma agricultura de subsistência?

A auto-suficiência dos casais rústicos adivinha-se através da prosperidade que alguns destes sítios apresentam; 1) a presença de cerâmicas de importação; 2) a ampliação dos *habitats* - como é caso do Monte da Julioa 24; 3) a construção de áreas específicas para as atividades agrícolas (armazenamento e transformação). A análise deste conjunto de informações pode levar-nos a concluir que os proprietários destes

sítios conseguiram ao longo do tempo ser auto-suficientes e prósperos. Não seriam pessoas muito abastadas mas provavelmente viveriam sem muitos problemas económicos, vivendo do que a terra dava e, provavelmente, em bons anos agrícolas ainda poderiam vender os seus excedentes.

Outra das questões que se tem colocado é o isolamento destes casais rústicos. Na realidade, em alguns casos encontramos casais rústicos que não se encontram isolados, antes, possivelmente, organizado em núcleos.

Esta situação ocorreu na Barragem dos Minutos, assim como no regolfo da Barragem do Alqueva, em que onde foram identificados vários locais de *habitat* mas como já foi referido neste trabalho, por motivos de cumprimento de prazos e como não iriam ser diretamente afetados pelas obras de construção da barragem não chegaram a ser intervencionados. Podemos constatar esta realidade perto do Monte da Julioa 24, com pequenos núcleos habitacionais.

Já no caso do Curral dos Cães, este núcleo habitacional poderia ser composto por apenas três das estruturas, Curral dos Cães, Fonte Santa e Cabeço do Ceivo. Também aqui poderemos estar perante um pequeno núcleo habitacional, apesar de a Fonte Santa ter sido considerada como uma estrutura de apoio agrícola. O Cabeço do Ceivo poderá ter sido um núcleo habitacional com duas estruturas, a habitacional e a de apoio agrícola.

A verdade é que o modo como se idealizava a romanização no mundo rural se tem vindo alterar com o passar do tempo. Quando se pensava que o mundo rural era dominado pelas grandes *villae*, começou-se a conhecer os pequenos sítios de *habitat* que começam a aparecer disseminados por todo o Alentejo.

Infelizmente estas formas de ocupação do território apenas têm tido a atenção dos investigadores no âmbito de EIA's, durante a construção de estradas, barragens e regadios, como é o caso da Barragem dos Minutos e Barragem de Alqueva. Estas duas barragens colocaram a descoberto este modelo de ocupação do mundo rural romano. Esse modelo começa a ser revisto mas continua a levantar muitas questões. Só com um estudo mais aprofundado do território se poderá chegar a alguma conclusão ou a novas hipóteses de povoamento, que, possivelmente, irão destronar o modelo de povoamento rural que era dominado pelas grandiosas *villae*. Estas, não perdendo o seu estatuto, o poderio económico e grandeza arquitectónica, provavelmente conviveram com estes pequenos casais rústicos, fazendo do povoamento rural romano um povoamento mais complexo do que inicialmente se suponha.

9. Bibliografia

ADAM, Jean Pierre (2005) - *Roman Buildings Materials and Techniques*. London and New York: Taylor & Francis e-Library

AAVV (2003) - *The Roman World 44 BC–AD 180*. UK: Taylor & Francis e-Library

ADKINS, Lesley; ADKINS, Roy A. (2004) - *Handbook to life in Ancient Rome*. New York: Facts on File.

ALARCÃO, Adília coord.(1997) - *Portugal Romano. A Exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Alarcão, Jorge (1976) - Sobre a Economia Rural do Alentejo na Época Romana. *Conímbriga*. XV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p: 1-40.

ALARCÃO, Jorge (1983) - *Portugal Romano*. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Verbo.

ALARCÃO, Jorge (1985) - Sobre a Romanização do Alentejo e do Algarve – A propósito de uma obra de José d’Encarnação. *Arqueologia*. 11. [sl]

ALARCÃO, Jorge (1988) - O Domínio Romano em Portugal. Mem Martins: Europa – América.

ALARCÃO, Jorge (1998) - A Paisagem Rural Romana e Alto-Medieval em Portugal. *Conímbriga*. 37. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p: 89-119.

ALARCÃO, Jorge de, BARROCAS, Mário (2012) - *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.

ALDANA, P; LAGO, M. (1999) - *EIA - Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

ALBERGARIA, J. (2007) - *EIA - Linha de Alta Velocidade Lisboa/Madrid - Troço Montemor-Évora*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

ALMEIDA, Maria José (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação Mestrado apresentada na Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, Inédita, Coimbra. (policopiada).

ALVES, N. (2011) - *Obras de Arte - Distrito de Évora*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

ANTÓNIO, Jorge; REIS, Marta Pinto (2014) - *Necrópole Tardo-Antiga de Alter do Chão: Resultados Preliminares in Hispânia Romana. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. (s.l)

ARNAUD, J. (1992) - *EIA - Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

BILOU, Francisco (2000) - *Testemunhos arqueológicos da via romana EBORA – SALACIA no concelho de Montemor-o-Novo. Revista de Cultura Almansor*. 14. Montemor-o-Novo, p: 5-16.

BILOU, Francisco (2005) - *Sistema Viário Antigo na Região de Évora*. 2ª edição, Lisboa: Edições Colibri.

BRANDÃO, L; COSTA, T. (2009) - *Estudo Prévio - Linha Divor-Pegões, a 400 kV e abertura da Linha Marateca-Fanhões, a 400 kV para a Subestação de Pegões*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

BRAZUNA, S. (2002) – *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

BRITO, Raquel Soeiro (2005) - *A Terra Que Habitamos. Atlas de Portugal*. Lisboa: Instituto Geográfico de Portugal, p: 36-45.

BUGALHÃO, Jacinta (1998) - O Povoamento Rural Romano no Alentejo: Contribuição da Arqueologia Preventiva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1. 2. Lisboa: IPA, p: 123-136

BURGESS, Colin Brian; OLIVEIRA, Jorge; CORREIA, Virgílio Hipólito (1989) - *Projecto de Prospecções Luso-Britânico: Evora Archaeological Project*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

CANHÃO, Valdemar Luís (2003) - Monte Julioa 24: Um Casal de Época Romana. *Memória d’Odiviana – Estudos Arqueológicos do Alqueva – No Tempo Dos Moinhos do Guadiana e Outros Tempos*. 3. Beja, p: 107-167.

CARNEIRO, André (2008) - *Itinerários Romanos do Alentejo: Releitura de “As Grandes Vias da Lusitânia – o Itinerário de Antonino Pio” de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: CCDRA.

CARNEIRO, André (2014) - *Lugares Tempos e Pessoas – Povoamento Rural Romano no Alto Alentejo*. I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p: 125 – 139.

CLÉMENT, Vicent (1999) - Le territoire du Sud-Ouest de la péninsule Ibérique à l’époque romaine: du concept au modèle d’organisation de l’espace, in J.G. Gorges e F.G. Rodriguez Martin (eds) – *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. 65. Collection de la Casa de Velázquez, p: 109-120

COSTA, C. (2004) - *EIA - Beneficiação da EN2 - Montemor-o-Novo/ Alcáçovas*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

DÍAZ, Pablo C. (1994) - Propriedad y explotación de la tierra en Lusitania tardoantigua, in J.G.Gorges e M.Salinas de Frías (eds) – *Les campagnes de lusitanie romaine: occupation du sol e habits*. Madrid/Salamanca. 47. *Collection de la Casa de Velázquez*, Actes de la table ronde internationale – Salamaque 1993.

ENCARNAÇÃO, José (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, p: 443-445.

ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*. VIII. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

FABIÃO, Carlos (1992) - O Passado Proto-histórico e Romano. *História de Portugal*. 1. [s.l], p: 274-275

FARIA, João Carlos (2002) - Ocupações Romanas e Tardo-Romanas Afectadas Pelo Refolgo de Alqueva: bloco II do afluente do Álamo ao Rio Degebe – Resultados preliminares”. *Al-Madan – Especial Arqueologia do Alqueva*. II série. 11. Almada, p: 139 – 151.

FILIFE, Iola (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

GARCIA, Joaquim (2003) - Conservação e Restauro de Habitação Romana. *Memória d’Odiana – Estudo Arqueológicos do Alqueva – No Tempo Dos Moinhos do Guadiana e Outros Tempos*. 3. Beja, p: 169 – 197.

GUERRA, Amílcar (1992/93), STATVALANGARI. A propósito de uma inscrição latina proveniente de Patalim (Montemor-o-Novo). *PORTVGALIA*. Nova Série. Vols. XIII-XIV. [s.l.], p.297 – 305.

GOMES, Sofia (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

JESUS, Luciana (1998) - *EIA - Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

GOMES, Sofia, BRAZUNA, Sandra (2013) - A Ocupação Romana da Bacia de Alqueva: Da Ponte de Ajuda à Ponte Velha de Mourão – Uma Proposta de Reconstrução da Paisagem. *Memória de D’Odiana, Estudos Arqueológicos de Alqueva*. 2ª série, Évora.

GORGES, Jean-Gérard (1979) - *Les Villas Hispano-Romaines: Inventaire et problématique archéologiques*. Paris: E. de Boccard.

GORGES, Jean Gérard; RICO, Christian (1999) - Barrage ruraux d’époque romaine em moyenne vallée du Guadiana, in J.G. Gorges e F.G. Rodríguez Martin (eds) – *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa Velázquez.

JORGE, Ana (2003) - A morte no mundo tardo-romano na região de Montemor-o-Novo: A Necrópole tardo-romana da Fonte da Senhora 7. *Revista Era Arqueologia*. 5. Lisboa: Edições Colibri, p: 81-103.

LOPES, Maria da Conceição (1997) - L'occupation du sol dans territoire de Pax iulia (Beja). In Etiènne e F. Mayet (eds) – *Itinéraires Lusitaniens*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p: 157 – 180.

LOPES, Maria da Conceição (2003) - *A Cidade Romana de Beja – Percursos e Debates Acerca da “ Civitas” de PAX IVLLIA*. Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Coimbra, p: 235 – 260.

LOPES, Maria da Conceição (2013) - Em Tempos de Roma Pela Margem Esquerda do Guadiana – Bloco 12 do Projecto de Salvamento Arqueológico do Alqueva. *Memória d’Odiana, Estudos Arqueológicos de Alqueva*. 2ª série. Évora

MANTAS, Vasco Gil (1986) - Implantação rural em torno da uilla de S. Cucufate (Vidigueira). *Arquivo de Beja*. 2ª série. 3. Beja: Câmara Municipal de Beja, p: 199 – 214

MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo; CARDOSO, Marisa (2014) - Intervenção Arqueológica nas necrópoles do Monte da Pecena 1 e Cabida da Raposa 2, 4º Coloquio de Arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002 – 2010). *Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 2ª série, Évora, p: 289 – 294

OLIVEIRA, Jorge de (1985) - *Levantamento Arqueológico dos Concelhos de Évora e Montemor-o-Novo*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de (1962) - Vila Romana da Herdade da Fonte do Prior (Montemor-o-Novo). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de (1962a) - Reconhecimento Arqueológico de Emergência nas Herdades da Comenda da Igreja e Comendinha (Montemor-o-Novo).

Separata Actas do 26º Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. VII – História da Arqueologia. Porto.

PAÇO, Afonso do; LEMOS, João de (1962b) - *Inscrição Romana da Herdade da Fonte do Prior (Montemor-o-Novo)*. Porto.

PINTO, M; HENRIQUES, A; PEREIRA, M. (2008) - *Carta arqueológica do Concelho de Montemor-o-Novo*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

PINTO, Inês Vaz (2003) - *A Cerâmica Comum das VILLAE Romanas de São Cucufate (Beja)*. *Colecção Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

PINTO, Marina (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

RAMOS, A.C. (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem de Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

RAMOS, Rita (2002) - *EIA - Redes de Rega, Drenagem e Viária do Aproveitamento Hidroagrícola dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

ROCHA, Leonor (2004) – *Relatório de Prospecções. PNTA/2002 - Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

ROMÃO, Cláudia (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

SANTOS, Sandra (2003) – *Acompanhamento arqueológico na Barragem dos Minutos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

SILVA, António Carlos; PERDIGÃO, José (1998) - *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.

SILVA, Inês Mendes da (2002) - *Minutos 11 – Montemor-o-Novo: Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

SILVA, Inês Mendes da (2004) - *Amoreirinha 8 – Montemor-o-Novo: Relatório dos trabalhos arqueológicos de 2004*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

SILVA, Inês Mendes da; BRAZUNA, Sandra (2006) - Intervenção arqueológica no sítio romano dos Minutos 6. *Revista ERA Arqueologia*. 7. Lisboa, p. 57-70.

SILVA, Miguel Lago da (1999) - *EIA - Barragem de Minutos sobre o Património Arqueológico*. Relatório técnico científico. Acessível nos Arquivos do DGPC, Lisboa, Portugal.

OUTRA BIBLIOGRAFIA:

Carta Militares de Portugal: 448, 447, 458, 436, 437, 469, 459, 435;

<http://www.edia.pt/pt/quem-somos/comunicacao/catalogo-online/121>